

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas

Felipe Silva Figueiredo

ABC do Açude:
Narrativas cosmopolíticas do sertão baiano

Guarulhos
2019

Felipe Silva Figueiredo

ABC do Açude:
Narrativas cosmopolíticas do sertão baiano

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: Antropologia
Orientadora: Andréa Cláudia Marques Miguel Barbosa

Guarulhos

2019

FIGUEIREDO, Felipe Silva.

ABC do Açude : Narrativas cosmopolíticas do sertão baiano / Felipe Silva Figueiredo. Guarulhos, 2019.
21 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) -
Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, 2019.
Orientação: Andréa Barbosa.

1. Memória. 2. Sertão. 3. Imaginário I. Orientador: Andréa Barbosa.
II. ABC do Açude.

Felipe Silva Figueiredo

ABC do Açude

:

Narrativas cosmopolíticas do sertão baiano

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Ciências sociais
Universidade Federal de São Paulo

Área de concentração: Antropologia

Aprovação: 01/07/2019



Prof. Dr. Andréa Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal de São Paulo



Prof. Dr. Renzo Taddei
Universidade Federal de São Paulo

à todas/os que se mantêm atentos e fortes!

AGRADECIMENTOS

É uma tarefa difícil nomear todas e todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui, bem como a contribuição de cada um para minha vida. Por isso serei breve. Quando escrevemos, qualquer coisa que seja, não somos só nós. Estamos mergulhados nas nossas relações, nas nossas experiências, e todas e todos fazem parte de alguma forma. Começo aqui agradecendo meus pais, minha irmã e meus avós Maria e José, que acompanharam de perto a minha trajetória na graduação, me ajudaram material e emocionalmente, nos meus erros e acertos durante essa difícil trajetória acadêmica. Difícil porque nunca foi fácil, porque é um ato de resistência política, antes de tudo, alguém que sempre estudou em escola pública no Brasil ocupar uma vaga em uma Universidade Federal.

Em seguida, agradeço a todas e todos os integrantes do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB) que fizeram parte da minha vida durante a graduação (e para além dela) e me ajudaram muito com essa pesquisa. Foi o VISURB que me deu forças, muitas vezes, pra continuar a vida acadêmica: Andréa Barbosa (minha querida e eterna orientadora), Alexandre Pereira, Dayane Fernandes, Fábio Santos, Fernanda Matos, Fernando Camargo, Fernando Filho, Lindolfo Sancho, Janaína Sant’Ana, Marcel Couto, Mariana Ser, Marcela Vasco, Rodrigo Baroni e Tami Rodrigues.

As amigas e amigos que fiz durante a graduação na Unifesp: Naná Oliveira, Laís Xavier, Juliana Pradela, Victor Akira, Bruno Moura, Lucas Maximiano, Fernanda Magalhães, Wesley Aleixo, Leo França, Daiane Sousa, Melina Valente, Amanda Azul, Garotinho, Vaine, Rebeca Righetti, Carolina Salustiano, Lais Alves, Amanda Batista, Thamires de Faria, Amanda Oliveira, Valquíria Ferreira, Ana Dandara, Beatriz Helena, Igor Sganrzela, Gabriele Rodrigues, Beatriz Reis, Victória Martins Fontes, Brunno Almeida Maia, Thainá Batista, Gabriele Costa, Pedro Sardenha, Cristina Fernandes, Teresa Cristina, Felipe Palmer, Gabriel Dominguez, Gabriel Belvis, Vivian Belloto, Laila Siqueira, Isabella Vieira, Jamile Campos, Matheus Zati, Patricia Regina, Tabata Ribeiro, Uilton Júnior, Vinícius Barbosa, Jaíne Diniz e Érico Brito.

A todos integrantes do Cursinho da Psico, que fiz parte como estudante e professor, que é um importante espaço de resistência e luta por uma educação popular.

A todas e todos que conheci de alguma forma durante a vida acadêmica e por causa dela e se tornaram grandes amigas e amigos: Leila Hatai, Maria Carolina Botinhon, Tatiane Manhães, Ana Blaser, Augusto Ventura dos Santos, Beatriz Figlino, Andréa D’Amato,

Lauriene Seraguza, Edilma Nascimento, Paulinha Gonçalves, Ingrid Possari, Gabriela Costa e Fernanda Luiza Barkemeyer.

Aos meus queridos professores, que me ajudaram muito nessa trajetória acadêmica, não apenas compartilhando seu conhecimento, mas também sua amizade: Uirá Garcia, Lindomar Albuquerque, Valéria Macedo, Aramis Luis, Rodrigo Ribeiro e Marcos Rufino.

Aos meus queridíssimos Rafael Andrade e Diego Peralta. As minhas grandes amigas Carolina Alencar e Rebeca Duran.

Não podia deixar de fora minha família de Macaúbas, todos os meus tios e tias, primos e primas e meus avós França e Zinha, que também fizeram parte dessa trajetória e dessa pesquisa, de forma direta ou indireta.

Estevão, Bio, Beata e Preta, que compartilharam comigo o que têm de mais precioso: suas histórias de vida.

Por último, agradeço a Universidade Federal de São Paulo e a FAPESP pelo apoio institucional. Sem essas instituições nada disso seria possível. É importante que as defendamos, que lutemos para a ampliação de seu acesso, para que possamos fazer ciência e educação livre e popular!

Resumo

Durante a década de 1930, o nordeste brasileiro foi assolado por uma das maiores secas já registradas. O governo federal iniciou então, uma empreitada para a construção de imensos reservatórios artificiais de água denominados açudes. Durante a construção de um desses açudes no município de Macaúbas, na Bahia, certo tipo de poesia em forma de ABC foi criada e era declamada pelos trabalhadores da obra. Tal produção conta a trajetória dos operários na construção da barragem e faz algumas denúncias acerca de suas condições insalubres de trabalho. É partindo disso que esta pesquisa objetiva investigar, por um viés antropológico, a produção da vida e do conhecimento coletivo a partir da percepção e da relação com o meio em que se vive, bem como a constituição de um imaginário e de uma memória em torno desse meio e de suas modificações ao longo do tempo a partir da ação de políticas de gestão e controle da natureza e de sua própria forma física, o semiárido brasileiro.

Palavras -chave: poesia, açude, imaginário, memória, semiárido brasileiro.

Abstract

During the 1930's decade, the Brazilian northeast was devastated by one of the largest droughts that have been registered. Then, the federal government started to work on a construction of huge artificial tanks of water, called "açudes". During the construction of one of these "açudes" at Macaúbas' county, at Bahia, a certain kind of poesy in ABC metric was created and it was declaimed by the weir's workers. That production tells about the workers' trajectory at the construction of this weir and denounces the insalubrious conditions of work. Starting from this context, this research aims investigate, by an anthropological point of view, the production of life and a collective knowledge from the perception and the relation with the environment, and also an imaginary and a memory constructed around this environment and its changes during the time, with all the political nature's management and its own physical form, the Brazilian semiarid.

Keywords: poesy, weir, imaginary, memory, Brazilian semiarid.

Sumário

Apresentação	10
1.Introdução	11
2. O Açude de Macaúbas	18
2.1. Imaginário e percepção do ambiente	19
2.2. Memória e modernidade	31
3. Narradores de Açude	35
3.1. A narração histórica do Açude	39
4. Narrativas e memórias de Velhos	47
4.1 Saboreando o saber	50
4.2. França	50
4.3. Estevão	52
4.4. Dona Preta	57
4.5. Dona Beata	62
4.6. Bio de Angelo	70
5. Conclusão	78
6. Bibliografia	90

Apresentação

A pesquisa que se descreve não começou comigo. Começou com minha família, especificamente com meu tio, o Padre José Silva, que foi quem me mostrou pela primeira vez uma poesia oral denominada ABC do Açude. Esse achado de meu tio, por meio da memória de Bio de Ângelo, se deu em sua pesquisa pessoal acerca da história de nossa família, que faz parte da história de Macaúbas, na Bahia. É uma história dentre tantas outras de outras famílias do sertão baiano, e seus detalhes não cabem aqui agora. Mas é curioso como essas narrativas nos atravessam, mesmo com a distância do tempo e do espaço. Instigado por essa pesquisa de meu tio, pela história de minha família e de Macaúbas, pelas discussões antropológicas do grupo de pesquisas que faço parte e pela arte, resolvi fazer essa pesquisa. Mas só ela não era o suficiente. Foi então que resolvi fazer um filme: no começo seria apenas um ensaio fotográfico, mas não pude deixar de fazer um registro audiovisual das memórias ali narradas. Não com o objetivo de documentar, mas de me inserir e jogar com a poética do que eu ouvia e via, ali no sertão baiano, em Macaúbas.

Segue o link para a primeira versão do filme “ABC do Açude: Narradores do sertão”:
<https://youtu.be/uqIK2ta3YbI>

Os produtos finais, ou seja, o filme e a monografia, não são necessariamente interdependentes. Pode-se ver ou ler um sem o outro, no entanto, é importante ressaltar que são frutos do mesmo processo intelectual e corporal. Parafraseando Guimarães Rosa, o real interesse não está nem na saída, nem na chegada: é na travessia que a gente encontra ele.

1.Introdução

Na segunda metade de 2016, enquanto abordamos no VISURB¹ o tema da relação entre as categorias natureza e cultura na antropologia, como uma feliz coincidência, chegou em minhas mãos a transcrição de uma poesia oral que conta a história da construção de um açude no município baiano de Macaúbas da perspectiva dos trabalhadores da obra. Suscitado pelas discussões no grupo de pesquisas, viajei para Macaúbas em janeiro dos anos de 2017 e 2018 e em julho de 2018 com o intuito de investigar, por um viés antropológico, que tipo de relações tal produção oral agencia no imaginário e na memória das pessoas da região, partindo de sua percepção do ambiente no sertão baiano.



“A Natureza pode suprir todas as necessidades do Homem, menos sua ganância” (Macaúbas, 2017)²

O ABC do Açude, como é conhecida tal poesia, era aprendida e divulgada de forma oral na época da construção da barragem. Nesse sentido, a poesia operava um intercâmbio de experiências, tal como descreve Benjamin (1994), ou seja, trata-se de um conhecimento tecido na substância mesma da vida, na forma como as pessoas a experimentam, e que é passado adiante. A experiência, para Benjamin, constitui aquilo que chama de sabedoria. Essa sabedoria que é intercambiada, para Benjamin, estaria definindo com o advento da modernidade, principalmente devido a primazia da informação enquanto forma de conhecimento nesta época.

¹ Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Universidade Federal de São Paulo.

² Todas as fotografias são de autoria do pesquisador.

De fato, em seu sentido etimológico literal, *saber* tem a ver com *ter sabor*. A sabedoria constitui-se, nesse sentido, como um desdobramento da experiência no mundo que não é apenas cognitivo, mas antes de tudo corporal (FERNANDES, FIGUEIREDO, 2017). A arte de narrar, portanto, é um saber constituído na experiência da vida que possui um caráter performático. Seguindo ainda o argumento de Benjamin, o ABC do Açude, enquanto narrativa oral, pode ser visto da posição de um saber tido como “arcaico” frente a modernidade. Nesse caso, isso é expresso duplamente em sua constituição: primeiro por sua expressão enquanto saber tradicional; segundo por estar diretamente relacionado à questão da seca, símbolo do sertão nordestino, visto pelo senso comum (principalmente de regiões do Brasil tidas como “desenvolvidas”) como lugar de exceção e do atraso, marcando um “etnocentrismo interno” em relação a esta região. É um importante dizer, ainda, que usaremos essas categorias dicotômicas “arcaico” e “moderno” somente provisoriamente, para nos fazer entender numa forma particular de se pensar o sertão brasileiro, para depois sugerir uma revisão crítica dessa separação (ou mesmo sua supressão) na conclusão.

Seguindo a primeira hipótese - de que a poesia é um saber tido como tradicional - ao traçar um panorama da primazia do conhecimento científico na modernidade, Ingold diz que “a sabedoria assumiu um lugar secundário diante da informação” (2012, p. 25). Como aponta o autor, temos a tendência a hipervalorizar o conhecimento racional-científico por sua pretensão de produzir provas e explicações acerca do mundo e da natureza das coisas desde Bacon. Essa expectativa que colocamos na ciência, de que ela é o conhecimento que pode desvelar a verdade, no entanto, muitas vezes não é alcançada, principalmente quando nos defrontamos com outros saberes “não modernos” acerca do mundo, isso porque a ciência produz um conhecimento que é informacional, estatístico e formalizado, enquanto os saberes tradicionais produzem seu conhecimento através da experiência.. Decorre desse duplo movimento de definhamento dos saberes tradicionais e da ascensão do conhecimento racional-científico, portanto, a decadência da narração na modernidade enquanto maneira de transmissão dos saberes.

Em segundo lugar, como demonstra Taddei (2017), o sertão (que é mais que um lugar ou um conceito, mas trata-se de relações entre os entes que ali habitam) é mistificado como sinônimo de Nordeste rural, especialmente pelo sudeste urbano. A despeito disso, o autor comenta que em debates filológicos ora o sertão aparece como derivado de “desertão”, ora derivado do latim “sertus” que significa entrelaçado ou enredado. Como comenta Riobaldo,

personagem de Grande Sertão: Veredas, “o sertão está em toda parte” (2001, p.24). Seguindo o argumento de Taddei, no “início da colonização, o Brasil todo era sertão; com a expansão do Estado ao longo dos séculos XIX e XX, o país se ‘dessertaniza’ [...]” (Ibid., 154). A seca, por sua vez, “ressertaniza” o território dessertanizado devido a sua capacidade de desorganizar os processos sóciopolíticos locais. Em Macaúbas, nosso campo etnográfico, o açude lá construído no anos de 1930 foi uma tentativa do Estado de dessertanizar a região, mas que hoje encontra-se ressertanizado devido à seca atual.

Diante disso, o ABC do Açude constitui-se enquanto um saber tradicional, não moderno ou mesmo arcaico em oposição a um mundo que impõe os valores do progresso expressos na racionalidade e nesse caso específico, até mesmo na forma de percepção e gestão do ambiente com a implantação de políticas públicas no combate à seca, expresso, como demonstra Taddei, no nome da instituição federal que lida com essa questão: o DNOCS – Departamento Nacional de Obras *Contra* a Seca (Ibid.). O ABC do Açude carrega a memória e história da região, daqueles que prestaram serviço na inspetoria que deu origem a barragem, daqueles que morreram de fome por causa da grande seca da década de 1930, daqueles que sobreviveram e viram a lagoa se formando e ficar cheia e, sobretudo, é a história e memória desses que são descendentes do Açude e que vivem e convivem com a seca atual.

Como demonstram muitos autores que, dentro do campo da antropologia, se debruçam sobre estudos acerca de saberes modernos e não modernos e da construção de sua legitimidade dentro das representações simbólicas que as sociedades têm dessas (Latour, 2003; Ingold, 2012; Taddei, 2017), a própria constituição moderna do que se convencionou chamar “a cultura ocidental” supprime esses saberes tidos como “arcaicos”, relegando-os a um lugar marginal, tomando-os enquanto despossuídos de caráter explicativo acerca do mundo e da natureza das coisas. Em “O Pensamento Selvagem”, ao fazer uma comparação entre os saberes dos ditos primitivos e o conhecimento ocidental, por exemplo, Lévi Strauss diz que cada sociedade tende a superestimar a orientação objetiva de seu próprio pensamento, levando em consideração suas próprias questões para legitimá-lo ao olhar para o mundo (LÉVI-STRAUSS, 1989).

É daí que partimos para pensar o ABC do Açude enquanto memória que constitui a história da população de Macaúbas e, mais precisamente do distrito do Açude, indissociado de sua criatividade narrativa, ou seja, de seu caráter imaginativo, inventivo e artístico. Como

aponta Gagnebin, temos a tendência em dizer que a tarefa do historiador consiste em “estabelecer uma verdade do passado” (2006, p. 39). Ora, esse caráter imaginativo e inventivo do ABC do Açude não anularia seu papel enquanto constitutivo de uma história que nos remonta a fatos verificáveis do passado, tal como seria para uma história científica, legitimada pelo pensamento racional-científico ocidental? Qual o papel da memória e sua relação com o passado? Que tipo de relações o ABC agencia?

Segundo argumenta Gagnebin, tomamos como definição de *verdade* a adequação entre *palavras* e *fatos*. A autora argumenta, portanto, que os “fatos” históricos só são fatos por meio de um discurso que os constituem enquanto tais dentro de um discurso de uma história científica e moderna niveladora, com a pretensão da universalidade, que se vangloria de ser a única história verdadeira e possível: a história ocidental moderna. Essa história desconfia tanto da memória (por seu caráter instável e subjetivo), quanto da narração (por seu caráter fabuloso e inventivo), afirmando sua cientificidade e verificação factual, geralmente por meio de documentos oficiais, empiricamente observáveis.

Por outro lado, podemos tomar o discurso histórico construído por um saber poético-artístico constituído em cima da narração como uma possibilidade de fazer referência ao mundo de maneira não descritiva, como defende Ricoeur (1994) acerca da linguagem poética, sem cairmos num relativismo subjetivo acerca da história. Por meio da experiência, o narrador constitui um saber a partir de sua criatividade narrativa e de sua inventividade prática, unindo agir e falar humanos, enredados de maneira poética em sua história. A narração, constituída por uma experiência de vida no mundo que é marcada por sua transmissibilidade, se molda como forma “não moderna” de fazer história e de transmiti-la.

O ABC do Açude enquanto conhecimento tradicional narrado constituído na experiência da vida dos operários articula, portanto, um fio que liga aspectos sociais, políticos, físicos e biológicos da vida no sertão. Podemos dizer, parafraseando Latour (2003), que toda natureza e toda cultura são reviradas nessa narrativa que plasma-se em torno do problema da seca no semiárido, constituindo um verdadeiro manifesto dos trabalhadores das obras contra a seca e que, infelizmente, ainda é a realidade de muitos trabalhadores no Brasil de hoje.

Cabe-se perguntar qual o lugar para tal narrativa no imaginário e na memória da população hoje, dentro de um debate mais específico entre tradição e modernidade. A obra da barragem fez parte de um projeto de modernização do semiárido, de tirar-lhe de sua condição

de lugar arcaico, irracional e atrasado. Podemos, no entanto, nos *informar* acerca da construção não só da barragem em Macaúbas por meio de relatórios, documentos oficiais, artigos científicos e pesquisas de historiadores acerca da seca da década de 1930. O que o ABC do Açude faz, por outro lado, é um *intercâmbio de experiências*, de pessoas que viveram ali, que viram e participaram da obra da barragem, que convivem com a seca ainda hoje e passam sua sabedoria adiante pela narração.

Tomemos o filme “Narradores de Javé”, de direção de Eliane Caffé (2003), como uma referência para pensar esse processo. O filme trata de como uma pequena cidade no sertão nordestino, que se encontrava no meio do chamado “ciclo das águas”, fazia frente à modernidade. A cidade ia ser inundada pela construção de uma barragem, e seu destino só poderia ser alterado caso na cidade houvesse algo de valor simbólico. Foi-se acordado que o que se tinha de mais valioso para as pessoas da região eram as narrativas acerca da história da cidade. A trama desenrola-se pela coleta dessas narrativas pela única pessoa da cidade que sabia escrever.

Vemos no filme o embate entre o arcaico e o moderno constituído em torno da política de gestão da natureza, assim como a importância vital das narrativas para o futuro das pessoas daquela região. Para as narrativas do filme serem legitimadas elas deviam possuir “valor científico” e, portanto, deveriam ser exatas, descritas com objetividade e não poderiam ser conflitantes entre si, o que, por se tratar de um saber não moderno, não acontece. Há um dito popular que diz que “quem conta um conto aumenta um ponto”, exatamente o que acontece no caso do filme. Cada um, a sua maneira, relata sua experiência e, por meio de sua própria criatividade narrativa, dá corpo (literalmente, no caso do filme) a sua narrativa, gerando uma disputa de memórias em torno da história da cidade.

No fundo, (e esse é o caso do ABC do Açude também), uma “pureza objetiva” proveniente de documentos oficiais acerca das narrativas retratadas no filme apenas nos forneceria um tipo de maneira de encarar a “verdade”, por meio da verificação factual acerca de um conhecimento informacional que oferece referências ao mundo. O que Ricoeur (1994) propõe, por exemplo, é que abordemos as narrativas não pelas *referências*, mas por sua capacidade de *refiguração*, sendo a narrativa uma forma de reconstrução do passado, que dá margem para pensarmos ele de outra forma, seguindo os rastros deixados pelo real. Os rastros, como metáfora para a memória, são frágeis, portanto só poderia ser refigurado por mecanismos presentes na imaginação.

A carência de legitimidade desse tipo de saber acerca do passado só se dá, no entanto, se o tomamos da perspectiva da racionalidade do saber científico que tem a pretensão de desvelar a natureza mesma das coisas por uma *vontade de verdade*. Trata-se na verdade, de um saber no sentido forte do termo, como descrito acima. Como aponta Ingold,

[...] para quem foi instruído em uma sociedade em que a autoridade do conhecimento científico reina de forma suprema, a divisão entre realidade e imaginação se torna autoevidente. O problema, de acordo com nossa avaliação, tem sido como alcançar um ponto de acomodação para os dois domínios. Como podemos criar um espaço para a arte e a literatura, ou para a religião, ou para as crenças e práticas dos povos indígenas em uma economia do conhecimento na qual a busca pela natureza das coisas tornou-se prerrogativa exclusiva da ciência racional? (2012, p.16)

As reflexões que propõe Ingold são o ponto de partida dessa pesquisa, passando pela forma como imaginação e percepção do ambiente se relacionam na construção do saber e da memória acerca do açude e especificamente do ABC e sua constituição enquanto um saber não moderno. Dentro dessa perspectiva – que reivindica uma descolonização do pensamento – o objetivo principal é investigar a relação que as pessoas do Açude têm com a memória acerca da construção da barragem a partir da narrativa do ABC do Açude. Como desdobramento disso, surgem questões para se pensar a percepção do ambiente e as influências de um projeto que matiza os embates entre o moderno e o arcaico – e que também refletem outras dicotomias como escrito e oral, ou ainda cultura e natureza – em políticas de controle e gestão da natureza e de sua própria forma física: o semiárido brasileiro.

Quando estive em campo, acompanhei o velório de José Urbano que faleceu com quase 101 anos de idade. Era pai de Zinha, que me hospedou em sua casa. Dedé, como era conhecido, era lembrado por ser uma das pessoas que mais conhecia histórias sobre o açude, a missa de falecimento e seu velório reuniram boa parte dos moradores do pequeno distrito do Açude, onde vivia. Dedé deixou o mundo, mas isso não quer dizer que a experiência de Dedé o tenha deixado, já que essa experiência em grande parte foi transmitida nas histórias que contava. Vemos a importância desses narradores de histórias para a construção de uma memória coletiva quando são lembrados e ao mesmo tempo são lembradas as histórias que contavam.

Por fim, retomemos a imagem acima onde aparece os dizeres “a natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos sua ganância”: a natureza, tal como concebida pelo senso comum, aparece como algo “dado”, algo “em si” e que está a serviço da humanidade para suprir suas necessidades. O que muitos estudos antropológicos acerca das categorias de natureza e cultura demonstram (DESCOLA, 2016; LATOUR, 2003; VIVEIROS DE CASTRO, 2002), no entanto, é que essa noção de natureza é mediada culturalmente pela perspectiva ocidental ao olhar para o mundo exterior, especialmente através do pensamento científico, que inclusive tem como uma de suas principais pretensões fazer parte de decisões político-econômicas.

No semiárido, no entanto, especialmente na zona rural, a relação com a natureza nessa perspectiva de suprir as necessidades humanas aparece de uma maneira dramática. A relação com a terra e com a atmosfera que passam pelo processo da seca dificultam a vida do sertanejo. No entanto, até mesmo a seca e as tramas em torno dela, como veremos, são constituídas enquanto tais, não havendo nada de inerentemente “natural” nelas. A lagoa que se formou com a barragem trouxe para a vida da população a perspectiva de mais uma vez, após um período de fome, poder ter as necessidades supridas pela natureza, isto é, pelo menos até a seca atual. A lagoa do Açude, agente não humano criada por meio da ação humana, é um elemento importante para as pessoas da região, especialmente para aqueles que ainda tem esperanças de a ver cheia novamente.



Antiga cancela de passagem para a barragem (2018)

2. O Açude de Macaúbas

Macaúbas é um município localizado na região do sul da Bahia, de transição do cerrado para o semiárido e seu nome faz referência a uma espécie de palmeira que se encontrava na região, antes de ser consagrado por Nossa Senhora da Imaculada Conceição, atualmente padroeira da cidade. Em Janeiro de 2018, fui até a capital baiana de avião e de lá fiz uma viagem de ônibus de cerca de dez horas até Macaúbas. Na fila para embarcar no ônibus, ouvi duas pessoas conversando acerca da seca na região. Coincidentemente, uma dessas duas pessoas sentou do meu lado e se apresentou como Juraci. Foi ele quem me disse que o município tinha decretado estado de emergência em seu diário oficial de setembro do ano anterior por conta da seca.³

Chegando em Macaúbas, fiquei hospedado numa comunidade da zona rural conhecida como Tamboril, localizada entre o perímetro urbano de Macaúbas e o distrito do Açude, onde está localizada a lagoa que foi formada pela barragem. Meus anfitriões foram França (como é conhecido Addemelando Francisco) e Zinha (como é conhecida Avelina), que acompanhei durante o mês de janeiro e julho em suas atividades diárias e em suas narrativas sobre a região e especificamente acerca da construção da barragem, suas histórias e mitos.

Além de França e Zinha, acompanhei de perto a vida dos moradores locais da zona rural e da cidade de Macaúbas e, dentre estes, verdadeiros narradores de suas experiências: Bio de Angelo, conhecido por ser aquele que sabe o ABC do Açude por completo (já que os outros que conhecem o ABC não sabem ele completo); Dona Beata, cujo pai e marido trabalharam na construção da barragem e que sabe um bom trecho do ABC do Açude e, diferente de Bio, o recita de forma cantada; Dona Preta, cujo pai era fornecedor para os “barraquistas”, que vendiam seus produtos em troca de vales; e por fim Estevão, que assim como seu pai, trabalhou cuidando do gado dos chefes da Inspetoria.

O açude de Macaúbas, por sua vez, é uma construção em um perímetro de aproximadamente vinte quilômetros, contando com toda a área do entorno de onde a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca se instalou: a lagoa formada pela barragem que, por sua vez forma um paredão que não deixa a água passar e também forma uma via que dá

³ O Decreto Municipal de estado de emergência pode ser consultado no Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Macaúbas de 06 de Setembro de 2017 através do seguinte link:
<<http://www.ipmbrasil.org.br/DiarioOficial/ba/pmmacaubas/diario?codVeiculo=0&dataInicio=2017-08-03&page=4>>

acesso de um lado a outro de sua extensão e dava acesso à rua onde ficava o escritório da Inspetoria. Além da barragem, ainda na área do lagoa, se encontravam os lotes onde as pessoas cultivavam as plantações que iam abastecer as feiras da região.



Casa de França e Zinha no Tamboril (Macaúbas, 2018)

2.1. Imaginário e percepção do ambiente

O ABC do Açude, como é conhecida a poesia em questão, foi constituído possivelmente entre os anos de 1932 e 1936, período de construção da barragem de Macaúbas que represa as águas de um riacho que antes corria até o São Francisco. É impossível falar do açude de Macaúbas e das histórias em torno dele sem se remeter a questões referentes a seca e a percepção do ambiente constituídas em torno dela. Grande parte das histórias narradas sobre o açude, seja a poesia em questão ou não, têm relação direta ou indireta com a seca e a constituição de um imaginário em torno de sua constituição física, o semiárido. Muitas pessoas comentam o ano de 1932 (também conhecido apenas como “o 32”) como uma das piores secas já vistas, deixando um marco no imaginário local como exemplo de um ano seco. Ao falar em hipérbole acerca do tempo (meteorológico) atual, diz-se que “está tão seco quanto em 32”.

A barragem fez parte de um projeto do governo Vargas de combate à seca no contexto da grande estiagem que acometeu os estados nordestinos da década de 1930. O governo federal então tomou como principal medida de combate a seca a construção de imensos reservatórios artificiais de água denominados açudes (POMPONET, 2009, p.60), empreitada levada a cabo pela então Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), atual Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS). Hoje, no entanto, a instituição que faz a gestão da barragem do Açude é a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Paraíba).

Na década de 1930 um grande flagelo acometeu os estados nordestinos, não só animais e plantas morriam, mas também as pessoas. Em Macaúbas não foi diferente e hoje muitos contam como a construção do açude extirpou o flagelo e matou a fome com um “farturão”. Muitas pessoas mais velhas da região se referem a época de cheia da lagoa do Açude com alegria, devido à grande fartura na plantação e na pesca. Sempre que é evocada, a lagoa do açude é lembrada até mesmo como uma “mãe” que alimenta seus filhos, expressando uma dimensão afetiva na relação que as pessoas criaram com ela. Há relatos de pessoas que se alimentavam e alimentavam suas famílias a partir da pesca de subsistência realizada na própria lagoa.

Certo dia, por exemplo, em que fazia algumas imagens em cima da barragem, um morador do Açude passa de moto e me aborda perguntando o que fazia com aquela câmera naquele lugar e se era de algum jornal ou se eu trabalhava para a prefeitura. Comentei acerca da pesquisa e ele me disse que desde criança sua família tinha uma roça à beira da lagoa de onde colhia batatas e pescava para alimentar seus irmãos menores. Mas agora, com a lagoa seca “é só tristeza”, comenta. Para esse morador, assim como para muitas outras pessoas que moram no Açude, a lagoa estar seca hoje é falta de vontade política.

Apesar de não ter sido a primeira grande seca já registrada, é só em 1932 que o Estado brasileiro passa a intervir efetivamente na questão da seca devido ao contexto político nacional que se desenrolava no movimento de 1930 que iniciou a chamada Era Vargas e destituiu as oligarquias do sudeste brasileiro do poder. Por um lado, algumas elites nordestinas que apoiavam o movimento de 30’ se viam mais abertas a terem suas demandas atendidas e, por outro lado, a crise nacional posta pelo movimento pedia uma resposta imediata à questão da seca, o que podia ser feita, num primeiro momento, sem a consulta de grupos locais para assistir a população flagelada (NEVES, 2001).

Antes disso, uma das secas mais expressivas já registradas aconteceu entre os anos de 1877 e 1879 com pelo menos 500 mil mortos por conta da seca e da fome no nordeste (POMPONET, 2009). Foi o grande número de mortos e retirantes famintos que reivindicavam comida e trabalho nessa época que fez com que a seca fosse tratada pelo governo, pela primeira vez, como um problema sociopolítico e não apenas como um fenômeno da natureza. No entanto, nessa época, apenas algumas respostas governamentais localizadas foram levadas a cabo (NEVES, 2001).



O tempo bonito no sertão (Janeiro de 2017)

Sempre que me reconheciam como alguém de fora (o que não era difícil tendo em vista que se trata de um município de aproximadamente 50 mil habitantes contando zona rural e urbana), primeiro perguntavam-me quem eram meus parentes, depois me falavam com tristeza acerca da lagoa do Açude, sempre evocando uma boa memória de suas épocas de cheias. Certo dia, numa roda de conversa no distrito do Açude, Deca de Hermínio, irmão de França, me disse que “o mundo acabou, o que restou foi nós”, se referindo a atual seca da lagoa.

Certo dia em que o tempo estava nublado, França falava ao telefone com um de seus filhos de São Paulo, dizendo que o tempo havia ficado bonito, pois parecia que ia chover – conversas sobre a chuva e a seca são muito recorrentes no telefone da casa de França e Zinha, não só entre parentes distantes, mas também entre os conhecidos da zona rural. A relação simbólica que França estabelece com as questões que envolvem a atmosfera divergem, por exemplo, do senso comum do Sudeste e do Sul do Brasil, que consideram um “tempo bonito” um dia ensolarado, ou pelo menos não chuvoso. A noção de “tempo bom” diverge no imaginário específico acerca das relações que se estabelecem com o mundo, fazendo com que questionemos a separação que fazemos acerca do “saber” e “imaginar” na experiência da vida (INGOLD, 2012).

Como demonstra Taddei (2017), a percepção do ambiente é mediada socioculturalmente, bem como pelos contextos políticos e econômicos dentro de certas condições ambientais. Isso significa dizer que a percepção que temos do ambiente não está dissociada de outras esferas da vida e que o modo de vivenciar e experimentar este ambiente passa por uma “perspectiva oferecida por formas sociais e políticas de organização da realidade e através da sua inserção nos processos de maiores escalas” (Ibid., 157). Particularmente falando, a seca não tem nada de inerentemente “biofísico, político ou econômico”, mas é constituída enquanto tal pelos diferentes fluxos que fazem colidir o “meio ambiente contra os sistemas humanos” (Ibid., 141).

Nesse sentido, o maior símbolo macaubense contra a seca e que paradoxalmente a reafirma é o açude: construído para acabar com a seca e com a fome, das plantações no entorno da lagoa formada pela barragem saíam os alimentos que iam abastecer as feiras locais e de regiões próximas; há mais de uma década o açude, no entanto, encontra-se seco (ressertanizado), os lotes concedidos pela Inspetoria já não produzem nada e, quando muito, algum pasto para o gado. Hoje, os agricultores da feira de Macaúbas geralmente compram seus produtos de outros lugares para revender, isso quando os próprios produtores de outras regiões não vão para lá.



Riacho seco ⁴ (2018)

O açude surge como um elemento socioambiental que reconfigura as dinâmicas das representações simbólicas da região. Ele foi construído num distrito da zona rural de Macaúbas, antes conhecido como “Saco Grande” e, devido a construção da barragem, posteriormente o distrito passou a se chamar “Açude”. Muitas pessoas moram até hoje na região e quando se diz que se vai ao Açude, subentende-se que se trata de toda a região do distrito e não apenas a “lagoa do Açude”, como se refere geralmente à barragem. O Açude é hoje, portanto, mais que apenas o açude (a barragem). Se se quer especificar, deve-se falar da “lagoa do Açude” (ou “de” açude, como é mais comum), ou da “igreja do Açude, ou da “escola do Açude” e assim por diante.

⁴ É este riacho que, na época em que entra água, dá vazão à barragem.



Escola municipal de Açude (2018)

O distrito do açude é constituído, para além das comunidades rurais em seu entorno, de um centro urbanizado que possui duas vias principais e duas praças, sendo uma praça de eventos e a outra a praça onde se localiza a igreja do Açude e uma quadra de futebol. Ao longo dessas duas vias e no entorno dessas praças, encontram-se muitas casas onde habitam a população do Açude. O Açude conta também com um posto de saúde público, uma escola municipal de ensino fundamental e alguns pequenos comércios. Antigamente, para chegar até o centro do Açude, necessariamente se passava por cima da barragem, beirando a lagoa que ela formava. No entanto, essa via construída em cima da barragem é pouco utilizada atualmente, a não ser por algumas pessoas à cavalo ou de moto que circulam entre a Rua do Escritório e o Açude. Hoje utiliza-se geralmente o “asfalto de Ibipitanga” para chegar até lá.



Igreja do Açude (2018)

A “Rua do Escritório” começa um pouco antes da barragem e termina no início da região onde encontram-se as casas do Açude e a própria lagoa em si. Era lá, quando no período da construção da barragem, se localizava o escritório dos inspetores e engenheiros do IFOCS. Até hoje quando se diz que se vai a Rua do Escritório, se sabe que não é exatamente no Açude, nem na lagoa do Açude, mas especificamente naquela rua, onde encontram-se muitas casas e comércios da região. É como se a Rua do Escritório fosse um lugar a parte, mesmo fazendo parte “oficialmente” ao distrito do Açude, o que é expresso até em forma de preconceito por parte de outras pessoas da região para com os moradores do Escritório.



Rua do Escritório (2018)

Tradicionalmente, após a construção da barragem, realizava-se também uma festa conhecida como “Festa do Peixe”. Diz-se que não apenas a lavoura e a criação de gado prosperaram depois da chegada da barragem, mas a pesca começou a ser praticada na lagoa do Açude. Inclusive, faz parte da obra uma “escama peixe”, uma construção que servia para barrar a entrada de piranhas na lagoa. Ora, a Festa do Peixe ocorria justamente pela grande fartura da pesca na lagoa, e posteriormente se constituiu como uma das mais tradicionais da região não só do município de Macaúbas, mas das cidades vizinhas também. Anualmente reunia-se gente de toda a parte para comer o peixe dos pescadores locais e festejar a fartura, cena completamente oposta as diversas mortes que ocorriam devido a fome antes da construção da barragem. Como símbolo da falência da lagoa do açude e, como consequência, da pesca na região, encontra-se as ruínas do que antes foi o Posto de Fiscalização da Pesca. Já não tendo mais uso, ironicamente foi abandonado um barco de pesca dentro do prédio, dramatizando ainda mais o fim da lagoa e da pesca da região.



Antigo Posto de Fiscalização da Pesca (2018)

Hoje, com a lagoa do Açude seca, a Festa do Peixe deixou de acontecer, dando lugar a já “tradicional” Cavalgada, que no ano de 2018 chega na sua décima terceira edição. Como é

de se esperar, a atração principal não é mais o peixe, mas as pessoas que vêm de muitos lugares próximos a cavalo e realizam uma cavalgada que começa em uma região da zona rural conhecida como “Pé do Morro”, partindo para a Rua do Escritório e seguindo depois até a praça da igreja do Açude, onde centenas de cavaleiros e cavalos recebem a benção de Nossa Senhora de Aparecida e do Senhor do Bonfim com água benta. Após a cavalgada, na praça de eventos do Açude acontecem vários shows de bandas de forró patrocinados pela prefeitura do município, reunindo pessoas de diversos lugares não só da região, mas de todo o país.



Cavalgada do Açude (2018)

A presença da barragem agencia os próprios espaços e suas modificações ao longo do tempo no modo de representação do ambiente. A partir de sua “dimensão constitutiva”, expressa seu “viés performático” que está diretamente ligado com a questão da seca e seus enredamentos que envolvem seres humanos e não humanos. A pesca, a cavalgada, a presença do escritório e do açude constituem os “embates simbólicos sobre o espaço sertanejo” que integram o imaginário local e a maneira como “a materialidade dos corpos se transforma nos símbolos que codificam redes e processos políticos mais amplos” (Ibid., 141). Nesse sentido a seca se constitui como sujeito político engendrando outros tipos de relações com o espaço a partir das transformações que só foram possíveis a partir do contexto criado em torno da construção da barragem.

A construção da barragem no distrito açudense do município de Macaúbas faz parte de um projeto que podemos classificar como constituinte do que Isabelle Stengers chama de uma história marcada pelo desenvolvimento, que é guiada pela “flecha do tempo” (2015, p.7). Essa é o que chamamos de a história oficial da modernidade e que tem suas bases na ideia do progresso, sempre em oposição àquilo que é tido como arcaico. É a história marcada pelo tempo cronológico, que pressupõe uma passagem progressiva, sempre para frente, que sempre se desenvolve, onde vivemos num presente que superou um passado e aspira um futuro.



Lagoa do Açude (2018)

Ao traçar as características constitutivas de uma ontologia das secas, Taddei as descreve não como *coisas*, mas como *processos* referentes a um desastre característico não pela *presença* de um inconveniente, mas por uma *ausência* que acaba por abrir um campo de possibilidades e, conseqüentemente um espaço de embates de “distintos graus de incerteza” (2017, p.139). A seca no Brasil, enquanto desastre, é pensada por meio da política, que por sua vez, num contexto nacional, não pode ser pensada desvinculada de projetos de modernização (Ibid., 164). A seca é tida como empecilho ao progresso, por isso o Estado recorre a projetos de modernização, como foi o caso da construção dos açudes no nordeste na década de 1930. É a forma que a política encontrou, por meio de suas agências federais (DNOCS), de “dessertanizar” a região, de combater a seca, causa do “atraso” da região semiárida.

Uma estiagem é um processo ao mesmo tempo cíclico, incerto e distendido, matizando os embates simbólicos em torno da seca na questão de sua temporalidade:

enquanto algumas pessoas acreditam que a barragem do Açude jamais voltará a ter água, outros, ao remeter-se a épocas em que a lagoa estava seca e depois voltou a “sangrar”, ainda possuem esperança de vê-la cheia novamente.

Tudo isso é incerto, assim como são incertas as chuvas que caem no semiárido. Um símbolo da temporalidade específica às secas e das transformações biofísicas que nela ocorrem é a vegetação xerófila da caatinga “formada por espécies cujas folhas verdes desaparecem na estação seca e retornam, na forma de explosão, nos primeiros dias de chuva” (Ibid., 140). A temporalidade e incerteza da seca no sertão nordestino não a torna, no entanto, um fenômeno novo. Muito pelo contrário, as secas são parte do imaginário que se tem do nordeste e, por isso, o autor afirma que são *desastres ordinários*, ressaltando sua dimensão sociopolítica ao remeter-se a “ordem”. Portanto, “as secas são mais desastres políticos do que ‘a natureza que (supostamente) saiu do seu curso’” (Ibid., 140).



O verde na seca da Caatinga⁵ (Janeiro de 2018)

O projeto colonial português teve um papel fundamental na constituição da seca enquanto um desastre sociopolítico. A colonização territorializou o semiárido ao implantar um modo de ocupação sedentarizado, proveniente de outros regimes ecossistêmicos. Em climas áridos e semiáridos no mundo todo predominam regimes de ocupação nômades e de migração estacional, praticada por animais e populações indígenas dessas regiões (Ibid., 140-1). A implantação da propriedade privada e de um regime de progresso baseada em

⁵ Segundo Zinha, que me hospedou em sua casa, a paisagem começou a se esverdear por volta de dois dias antes de eu chegar em Macaúbas já com as primeiras chuvas de janeiro, que nem foram tão expressivas.

ideais etnocêntricos e “ecocêntricos” armou o palco para a constituição do semiárido como “máquina de guerra” contra a colonização que a territorializou (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Posteriormente o Estado deu continuidade a este projeto de territorialização com políticas de combate à seca por um viés modernizador. O sertão, no entanto, enquanto máquina de guerra se opõe a modernização e a territorialização característica dela, indo no contrafluxo do progresso. O sertanejo, por sua vez, cria formas de convívio com o semiárido, matizado em políticas públicas baseadas nesse princípio, como é o caso da construção de cisternas⁶.

Nesse sentido, podemos argumentar que, parafraseando Bruno Latour, o semiárido jamais foi moderno. Há, no entanto, um problema de ordem política e epistemológica acerca dessa afirmação, justamente porque aceitá-la parece algo “fácil” ou até mesmo “óbvio”, pelo menos para o senso comum. Por que é mais fácil aceitar que o semiárido jamais foi moderno? Talvez por sua constituição física rigorosa e violenta que marca uma oposição a noção de Civilização, constituindo um imaginário não só acerca do próprio sertão como algo “arcaico” e de natureza imprevisível, mas também do sertanejo como uma pessoa violenta, bárbara e atrasada.

Uma possível resposta a isso é a de que o semiárido na verdade se opõe de forma violenta às tentativas de modernização, principalmente devido a seus períodos de estiagem. Tomemos como exemplo a construção da lagoa do Açude em Macaúbas: trata-se de um projeto político que pretendia “salvar” a cidade de seu próprio bioma, mas que encontrou resistência do próprio ambiente, tendo em vista o fato de que a barragem encontra-se seca.

Ao indagar os interlocutores acerca do que seria o sertão, muitos deles o consideraram como um lugar de ausência, principalmente de água e lavoura. Dissemos acima que a seca “ressertaniza” o ambiente, desorganizando os processos sociopolíticos e, podemos dizer isso principalmente porque a antiga Saco Grande primeiro foi “dessertanizada” pela construção da barragem que por meio de políticas de combate à seca. A seca atual, no entanto desestabilizou a vida de muitas pessoas no campo, o que fez com que buscassem outras estratégias de ocupação daquela terra e de garantir sua subsistência, bem como outras formas de habitar este ambiente seco, física e simbolicamente, ao considerar o que antes era fartura novamente como sertão.

⁶ Reservatório de água da chuva.



O verde na seca da Caatinga - revisitado ⁷(Julho de 2018)

2.2. Memória e modernidade

É nesse contexto que, durante a construção da barragem do Açude, marco importante na vida das pessoas da região o ABC foi criado. A poesia relata a experiência no sentido benjaminiano, bem como retrata certos personagens marcantes e possivelmente de influência política na região, além de fazer denúncias acerca das condições insalubres a qual eram submetidos os trabalhadores. Esse conhecimento era disseminado na região de forma oral, e até hoje algumas pessoas que residem no município ainda se recordam de trechos e, como é o caso de Bio, até mesmo da poesia completa. Diz-se, ainda, que quem era pego recitando tal poesia na época da construção da barragem era preso por desobediência. A noção de experiência que utilizamos aqui, tal como a faz Benjamin, é aquela descrita pelo termo *Erfahrung*, experiência que ultrapassa as meras experiências individuais (*Erlebnisse*) e que é marcada, por um lado, pela constituição da sabedoria e, por outro, por sua transmissibilidade. Para o autor, importa mais *como* se narra do que *o que* se narra.

Benjamin nos diz que, em nossa época, na chamada “modernidade”, a capacidade de narrar vem se perdendo devido a uma baixa nas ações da experiência. O autor diz que este

⁷ Diferente do mês de janeiro, época em que geralmente chove, em julho a paisagem já está completamente diferente.

“conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (1994, p.200) e a arte de narrar estaria definindo devido a uma extinção dessa sabedoria, processo que acontece concomitantemente com a “evolução secular das forças produtivas” (1994, p.2001), particularmente com a criação da forma do Romance moderno, que só foi possível graças à imprensa, já que está ligada diretamente ao livro e a forma escrita de literatura. De fato, a escrita está ligada, na perspectiva da memória, a um “esquecimento”. Escrevemos para lembrar, mas muitas vezes deixamos nossos escritos guardados e nunca mais os retomamos. A narração, por outro lado, tem de ser rememorada para não ser esquecida, tem que ser declamada. Neste sentido, quem não é ouvido não é lembrado. Nas palavras de Benjamin, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (1994, p.205). Além disso, ao passo que a narração provém da experiência (essa experiência que ultrapassa o indivíduo), o romance, segundo Benjamin, tem origem no indivíduo isolado, que não pode receber ou dar conselhos, em outras palavras, não pode intercambiar uma experiência pelo fato de escrever sozinho.

Além do Romance moderno, a sociedade moderna em ascensão e o advento da imprensa trouxeram consigo a informação como forma de conhecimento. Enquanto a experiência traz consigo uma sabedoria que “vem de longe” no espaço e no tempo – como, por exemplo, por viagens distantes e pela tradição respectivamente – a informação, por outro lado, aspira a verificação imediata, como aponta Benjamin. Além disso, enquanto a narração frequentemente recorre ao “miraculoso”, ou ao “fantástico”, a informação deve ser plausível (ainda que esta não seja mais exata que a narração, como aponta Benjamin). Nesse sentido, a narração se distingue da informação, pois esta última é acompanhada de uma explicação, enquanto aquela é aberta a interpretação, marcando a diferença entre sabedoria e informação: enquanto a sabedoria é um ensinamento que perpassa o tempo e o espaço e tem capacidade de se desenvolver, a informação só tem valor enquanto for nova (BENJAMIN, 1994).

Conforme o Romance moderno e a informação como forma de conhecimento se consolidavam, por oposição a narração ia tornando-se algo arcaico, algo do passado. Um conhecimento como este do ABC, produzido no interior da Bahia, da perspectiva do conhecimento instrumental e da literatura erudita ou, em outras palavras de uma forma de conhecimento “moderna”, pouco teria espaço ou importância, marcando a característica duplamente assimétrica, apontada por Latour (2003), do conceito de modernidade. Segundo o autor, quando nos remetemos à modernidade, “definimos, por contraste, um passado arcaico e

estável” e, além disso, “a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os Antigos e os Modernos” (2013, p.15).

O que vemos em Macaúbas, no entanto, é a presença dessa ação de narrar ainda presente na memória de algumas pessoas da região, mesmo que fragmentada. Outras, mesmo que não a conheçam, de certo já ouviram falar de histórias que remetem à memória da construção da barragem do Açude que fazem referência a tal poesia oral.



Narrativas (2018)

Assim, o estatuto de “tradição” ou saber “arcaico” que o ABC carrega não nos legitima a pensá-lo como algo menos digno de credibilidade por seu caráter ficcional e por ser proveniente da criatividade e memória subjetivas de alguns sujeitos. Não se trata, portanto, de uma apreensão do meio em que o “sujeito” imagina o mundo tal como sua mente o constrói a partir de uma percepção relativa à sua própria cosmologia ou “design” oferecido por sua cultura, tampouco se trata de encarar o mundo “objetivo” tal como ele nos aparece aos sentidos, mas

“uma maneira que poderia reunir percepção e imaginação enquanto reconhecendo a condição humana (...) como sendo algo qual o conhecimento do mundo, longe de ser formado pelas operações da mente sobre as liberações dos sentidos, que cresce do próprio solo de

um envolvimento existencial no mundo sensível” (INGOLD, JANOWSKI, 2012, p.3, tradução nossa)⁸.

Essa noção de constituição do conhecimento em um “envolvimento existencial” no mundo que reúna a percepção e a imaginação pressupõe um significado particular a este último. A imaginação para estes autores não é tomada como algo ausente na realidade sensível que se coloca apenas na mente, mas de uma participação criativa no meio a partir da percepção (que é também corporal) no decorrer dos acontecimentos.

Poderíamos ainda tentar buscar um suposto “estatuto da verdade” da narração do ABC, questionando a veracidade dos acontecimentos narrados. De fato, seguindo a “vontade de verdade” (Nietzsche) que move a lógica empirista, pouco teríamos acesso a essas informações. Aqui a oposição entre o escrito e o narrado se faz clara, oposição que se pode desdobrar ainda naquela entre o real e o imaginado e outras, como moderno e arcaico ou até mesmo cultura e natureza. Ora, seguindo ainda o argumento de Ingold, não seria o próprio mundo fenomenal também inventado? “Essas ficções, diz Ingold, são exclusivamente externas, formas sensíveis que dão forma ao impulso generativo interior que é a própria vida” (2015, p.284). Se trata, portanto, de um saber proveniente da tradição oral que deixa viva não só uma memória que é coletiva, mas também uma experiência de vida que é transmitida pela narração que agencia histórias de vida individuais e coletivas, assim como um atrito entre tradição e modernidade.

⁸ “a way that would reunite perception and imagination while yet acknowledging the human condition (...) to be that of being whose knowledge of the world, far from being shaped by the operations of mind upon the deliverances of the senses, grows from the very soil of an existential involvement in the sensible world”. <INGOLD, Tim; JANOWSKI, Monica. *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. Routledge, Londres, 2012.>



Açude – tradição e modernidade (2018)

3. Narradores de Açude

Narrar não é apenas contar uma história. Vivemos no mundo, somos atravessados por diferentes linhas e fluxos que constituem a ele e a nós mesmos. A experiência tecida na substância do mundo, tal como a descrevemos até aqui, ultrapassa uma percepção do que é a vida que a restringe a meras funções microbiológicas. A forma como nos relacionamos com o mundo e com os seres vivos e os experimentamos constituem o que chamamos de sabedoria. A narração é, portanto, uma forma de articular este saber e transmiti-lo, ou seja, é o que Benjamin chama de intercâmbio de experiências.

O meu principal interlocutor-narrador (além daqueles que me hospedaram) foi Bio de Ângelo, morador de Macaúbas, ex-morador do distrito do Açude. Bio tem 81 anos, nasceu no povoado do Açude, mas atualmente é morador de Macaúbas⁹. Foi Bio quem transcreveu a versão do ABC do Açude que chegou em minhas mãos através de meu tio, que é um padre que atua nas paróquias da região do sul da Bahia e em movimentos sociais de políticas pela convivência com o semiárido.

⁹ Quando se referem especificamente a zona urbana do município, geralmente se diz “Macaúbas”. Quando se referem a outros lugares no território do município, utiliza-se o nome do lugar específico, como por exemplo Tamboril, Açude, Pajeú e etc.



Bio de Ângelo (2018)

Além destes, outras pessoas me narraram suas histórias de vida que se relacionam diretamente com a história do Açude e, de certa forma, também com o ABC do Açude. Trata-se de pessoas que experimentaram a mudança do ambiente promovida pelas políticas de gestão da natureza levadas a cabo pela ideia de combate à seca e também da mudança ocorrida pela atual seca. Dona Beata, de 104 anos, nasceu num povoado da zona rural no entorno do Açude conhecida como “Covas” e tanto seu pai quanto seu marido foram trabalhadores da obra da barragem. Dona Preta, também de 104 anos, nasceu próximo de onde hoje é a lagoa do Açude e depois mudou-se para o povoado, seu pai trabalhava para um feitor da obra. Estevão, de 91 anos, também nasceu nas proximidades de onde hoje é o povoado do Açude e quando ainda era criança trabalhou na roça de alguns dos chefes da obra da barragem. Por último, França, que nasceu e foi criado num povoado vizinho do Açude conhecido como Barrinha, e seu pai era fornecia carne para os barraquistas.

Às margens secas da barragem do Açude pude ouvir Bio recitar o ABC. A transcrição que segue abaixo foi feita por ele:

ABC do Açude

“Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda, senhor São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpro minha sina, vim parar no Saco-Grande.

Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence

Cheguei aqui em Dezembro no rigor da carestia, procurando toda forma de fazer economia, mas tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia

Depois saiu meu fiscal com quem eu era me alistado, passei custurar bruaca sem ter nenhum resultado. Até hoje tem mil e duzentos fiado

Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra senão eu viro um esqueleto, me acabando na barrage e embarrigando a Zé Preto

Fiz outra bela cartinha pelo mesmo portador, porque nesta ocasião eu fiquei sem meu feitor. Até hoje ainda espero a resposta do doutor

Ganhava eu três mil reis, o menino mil e quinhentos, mais um prato de farinha, era dois e quatro centos, toicim a quatro mil reis, feijão a quatro e duzentos

Horário de seis a seis, meio dia um descansinho. Quando chegava da venda é que ia cuidar dum arrozinho, senão não dava tempo, se não voltar do caminho

Intregaro a buzina um negro do pé inchado, de dia vive dormindo e a noite embreagado. Quando é as 4 horas ouve-se um búzio danado

Janeiro é mês rigoroso de 13 horas no dia. O pobre sendo obrigado, aqui nesta ispetoria com o mulambo no corpo e a barriga vazia

Ká faz parte, mas não entra na linguagem brasileira. Operário daqui também trabalha a semana inteira, recebe, porém não mete quarenta réis na gibeira

Ladruaje como aqui é uma coisa de horror. Começar de barraquista, operário e feitor. Aqui nesta ispetoria todo mundo é comedor

Mas o mundo esta tão péssimo que obriga sujeitar imposição de feitor e barraquista a roubar. E a muquirana roendo não tem tempo de coçar.

Na notícia que eu vinha desta ilustre companhia, que operário ganhava até dez mil réis por dia e que todo fim do mês o pagamento saía

Ó noticia miserável, espalhou por todo lado. Aqui tem um mexe mexe como tecido de aranha, operário bate nove e barraquista é quem ganha

Preço de trem na barraca, era o que o dono marcava, pois o vale só corria aonde o feitor mandava

Quando eu dou quatro e duzentos pelo um prato de feijão, que eu vejo lá na feira de dois prato por um tostão, da vontade de pegar meu vale e jogar no chão!

Reservando-me a soberba pra Deus não me castigar, se for pra receber vale eu deixo de trabalhar. Que não quero ter um amor para ver outro gozar

Se pego o infeliz do vale, vou fazer compra na venda. Compra quatro, cinco mil réis e não dar pra uma merenda

Teófilo adeus, meu caro Tio Tino Apontador fica aí com sua barrage que eu por aí já me vou

Universo está tão péssimo que obriga sujeitar uns vindo pra receber e outros pra comprar

Vou ver se arrumo um lugar que eu possa trabalhar pra doutor não marcar meu ponto nem buzina me acordar

Xuveu tanto em tantas partes, já se ver muitas farturas, na feira também se ver feijão e milho e rapadura. Vamos embora meus colegas deste “Saco de Usura”

Zefirino, adeus. Meu caro Tio Tino Apontador fica aí com sua barrage que eu por aqui já me vou

Ypisilone é u grego, só serve para interar, o preço de dois mil réis fez a negrada arribar

~ o til é a letra de Roma, não posso perde vista, Seu Doutor que fica aí com feitoures e barraquistas pegando todo dinheiro e entregando a João Batista”.

E aqui termina o ABC do Açude, com o “~” incluso no alfabeto.

Bio nos diz que aprendeu a recitar o poema de ouvido. Ouvindo os outros recitarem trechos que conheciam, conseguiu por meio dessa bricolagem de traços mnemônicos constituir este saber acerca da história do Açude de Macaúbas. Ele diz que aqui e ali um ou outro que tinha trabalhado na barragem sabia recitar dois ou três versos e ele foi juntando as partes até que decorou o poema todo. Bio atuou como um “narrador sucateiro”, em termos benjaminianos, como aquele que segue os rastros deixados de lado pela história oficial, para reavivar uma “contra-história” da construção do Açude. A poesia é um verdadeiro manifesto contra a exploração dos trabalhadores, é narrada em nome dos anônimos, dos não lembrados pela História, aqueles que deixaram rastros de memória que são reunidos em seus versos.

A ideia de bricolagem aqui nos dá uma dimensão para se pensar este saber considerado tradicional e arcaico e proveniente da experiência e, de certa forma, de uma narrativa “fantástica”, frente a História feita a partir de documentos oficiais, números e dados empíricos: uma História como ciência moderna. Como se sabe, Levi-Strauss ao propor a noção do Bricoleur em O Pensamento Selvagem (1989), diz que tanto este – um pensamento mágico ou mítico – quanto o saber científico respondem à necessidade de ordenação do

pensamento humano, negando a ideia de uma continuidade progressiva entre um saber e outro, bem como sua hierarquização. Ao tratar o saber do bricoleur como expressão metafórica comparando-o com a ciência, o autor afirma que são “dois níveis estratégicos em que a natureza se deixa abordar pelo conhecimento científico – um aproximadamente ajustado ao da percepção e ao da imaginação, e outro deslocado [...], [são] dois caminhos diferentes: um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado” (1989, p.30).

3.1. A narração histórica do Açude

Antes de receber este nome, como podemos observar no poema, o povoado do Açude tinha o nome de “Saco Grande”. Esse nome era atribuído à grande fartura encontrada na região pela agricultura e pecuária familiar, isto é, antes da seca. O eu-lírico fala no primeiro verso “para cumprir minha sina, vim parar no Saco-Grande”. Era Saco-Grande, chegou a seca e depois da construção da barragem para combatê-la virou Açude. Essa mudança de paisagem não parou por aí, pois o açude encontra-se seco há mais de 10 anos, não obstante, o nome permanece Açude, o que marca também a esperança de ver a lagoa cheia novamente. Há, portanto, uma certa ambiguidade na palavra “açude” que se expressa também no título do ABC do Açude: açude aí expressa o nome da região ou é uma referência à barragem? Não se sabe se o ABC sempre foi intitulado assim devido a barragem ou se foi atribuído o nome depois que o distrito passou a se chamar também Açude.

Antes da intervenção do Estado na região por meio da construção da barragem pela política de combate à seca, Saco Grande era dominada por um coronel conhecido como Francisquinho Borges de Figueiredo. Toda a área onde hoje é a lagoa e o povoado do açude, além de outras regiões da zona rural eram chefiadas e controladas por este coronel. Como se sabe, muitas terras pertencentes a essas famílias tradicionais no coronelismo não eram reconhecidas pelo Estado e, com a “chegada da modernidade” na região, aquelas terras foram tomadas como de interesse público para a construção do açude.

Conta-se em algumas narrativas acerca da história do Açude que quando os trabalhadores chegaram para a construção do açude, Francisquinho Borges, com medo de perder todas aquelas terras, do alto de sua autoridade mandou que parassem a obra, que ficou assim por aproximadamente 24 horas. No entanto, a chegada da modernidade pela imposição do Estado não podia ser freada por um mero resquício de um passado do coronelismo. A

vitória da modernidade naquele momento se corporificou na retomada da obra e de seu avanço no sertão macaúbense e na multa milionária que Francisquinho teve de pagar para o Estado. Conta-se hoje com tom de chacota que, ao ver o valor da multa, o coronel enlouqueceu e saiu pelas ruas de Saco Grande nu.

Podemos perceber ainda que, ao longo da poesia, há uma crítica que gira em torno dos baixos salários recebidos pelos trabalhadores. Na verdade, os trabalhadores da barragem do açude sequer recebiam um salário. Em vez disso, recebiam um vale e eram obrigados a gastá-lo nas vendas dos “barraquistas”, que tinham seus produtos a preços abusivos. Os trabalhadores, portanto, mal podiam arcar com as despesas de sua subsistência e os feitores e mandatários da obra, aliados aos “barraquistas” acabavam criando um monopólio de todo o produto do trabalho dos operários. Era um ciclo vicioso, de trabalho análogo a escravidão. França, por exemplo, comenta que seu pai era açougueiro na época da construção da barragem e, em vez de vender diretamente para os trabalhadores da obra, era mais lucrativo vender para os barraquistas. Depois, estes sim, faziam o monopólio do comércio entre os operários.



França do Tamboril (2018)

Como se tratava de um período de fome e, sem a possibilidade de comprar comida em outros lugares, os operários da obra eram submetidos a este regime de trabalho de vales que circulavam entre os próprios mandatários. Mané Trinchete, personagem do ABC do Açude foi parente de França, como nos contou ele. Este era dono de uma venda e, como era comum entre estas pessoas, vendiam seus produtos por mais que o dobro do preço comum. Os salários que eram para ser repassados para os trabalhadores, portanto, ficavam todos nas mãos dos mandatários da obra que, por sua vez, mantinham as barracas de venda.

Dona Preta comenta que na época da construção da barragem, quando tinha por volta de 18 anos, chegaram pessoas de tudo quanto era lugar para trabalhar lá. Provavelmente muitos retirantes famintos atingidos pela seca empregados pelo “governo fluminense” para trabalhar na Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS). Dona Preta continua sua narrativa comentando as diversas mortes diárias que aconteciam não só entre as pessoas da região, mas também entre os trabalhadores da obra. Ela diz que chegaram para trabalhar na obra cerca de 5 mil pessoas, muitas delas crianças. Anos depois, Dona Preta disse que chegou a receber uma visita de um dos antigos inspetores da obra que era amigo de seu pai que fornecia alimentos e ferramentas provavelmente para seu barraquista.



Dona Preta (2018)

Como nos foi relatado também, toda a construção da barragem foi feita em trabalho braçal, principalmente por gamelas (utensílios domésticos usados geralmente na cozinha) para retirar a terra, e por carros de boi que geravam muitos acidentes principalmente entre as crianças. O pai de dona Beata, por exemplo, era um dos que trabalhava com carro de boi. Toda a extensão do perímetro de quase 20 quilômetros do açude foi feita pelo braço dos trabalhadores que eram explorados pela Inspetoria, desde limpar a área de sua vegetação original, até a escavação e construção da barragem e de suas estruturas, como a galeria que possui uma comporta para dar vazão a água, o escama-peixe e o sangrador. Além de tudo, como aparece também no ABC, diz-se que proliferou-se a “muquirana”, um tipo de piolho que atacava os trabalhadores, que tinham que ferver suas roupas para se livrar da praga. A obra da barragem que vinha, de certa forma, trazer a modernidade para a região, ironicamente foi construída por métodos tidos como “arcaicos”, mas que eram próprios da região.

A buzina que servia para acordar os trabalhadores, também relatada no ABC, fez parte da experiência de Dona Beata durante a construção da barragem. Lá das Covas, região mais afastada de Saco Grande era possível ouvir a buzina tocar para marcar o horário em que os trabalhadores deviam se apresentar para o serviço do dia. Beata diz que casou na época em que a barragem estava sendo construída, onde seu marido trabalhava: “quando tocava essa buzina ele saía na carreira com esses bois pra ir trabalhar”, ela nos conta. Ela comenta também que tanto seu marido quanto seu pai sabiam recitar o ABC do Açude todo e foi através deles que ouviu a primeira vez. Apesar dela não saber recitar a poesia completa, se lembra de alguns versos desconexos e curiosamente a recita em forma de cantiga, diferentemente de Bio, por exemplo, marcando uma outra forma de oralidade desta poesia.



Dona Beata (2018)

Ao investigar a vida de alguns personagens da poesia e seu parentesco com alguns habitantes do Açude, cheguei até Estevão, morador do povoado que era neto de João Batista, mencionado no fim da poesia como aquele para quem os doutores da obra entregavam todo o dinheiro. Segundo o relato de Bio, João Batista era um homem que possuía muitas terras na região e estabeleceu laços com os doutores porque tinha muitas filhas bonitas. Estevão me reafirmou este fato dizendo que seu avô tinha mais de 30 filhos, a maioria mulheres e os doutores logo perceberam isso. O dinheiro então circulava pela casa de João Batista e, segundo Estevão, era levado num saco de pano no dia que o pagamento vinha da capital baiana. Por sua vez, o próprio Estevão, desde criança trabalhava para um dos chefes da Inspetoria, Virgílio, assim como seu pai, cuidando de sua lavoura e de seu gado.



Estevão (2018)

Todas essas pessoas que viveram na época da construção da barragem ou pelo menos em seu início relatam com tristeza e horror a condição dos trabalhadores da obra. Muitos dos relatos se remetem ao ABC do Açude como memória e até mesmo como uma forma de comprovação dos fatos relatados. A menção ao ABC faz com que os relatos ganhem um tom de veracidade na fala dos interlocutores. O ABC do Açude é uma *invenção* no sentido que Roy Wagner dá ao termo, ou seja, trata-se de uma representação simbólica de uma experiência que é compartilhada dentro de um determinado contexto. Nas palavras de Wagner, “toda expressão dotada de significado, e, portanto, toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido” (2012, p.109).

A despeito desses relatos de horror, o açude em si é visto como um acontecimento benéfico para a região como um todo. Todos os relatos e narrações históricas a retratam como sinônimo de grande fartura, tendo em vista não só a seca de 1930, mas também a seca atual. O próprio Bio, que nasceu no ano em que a barragem foi concluída, disse que foi pescador nas épocas de suas cheias e, além disso arrendava lotes cedidos pelo DNOCS mediante contratos para o cultivo. Era do cultivo desses lotes arrendados que provinham a maior parte dos alimentos da região nas épocas de cheias do açude; Bio comenta que ia vender sua

produção nas feiras que aconteciam em todos os municípios próximos a Macaúbas. “Essa lagoa seca desse jeito, diz Bio, é comparar a vida com a morte”.

O açude também era lugar de lazer para os moradores da região. França comenta que os mais jovens pulavam do teto da galeria para a lagoa, que quando estava cheia, naquele lugar dava uma profundidade de cerca de 13 metros. O açude era ponto de encontro dos jovens da região urbana e da zona rural para nadar e, além disso, comenta-se também que foi o primeiro lugar em que os jovens se reuniam para usar substâncias ilícitas.

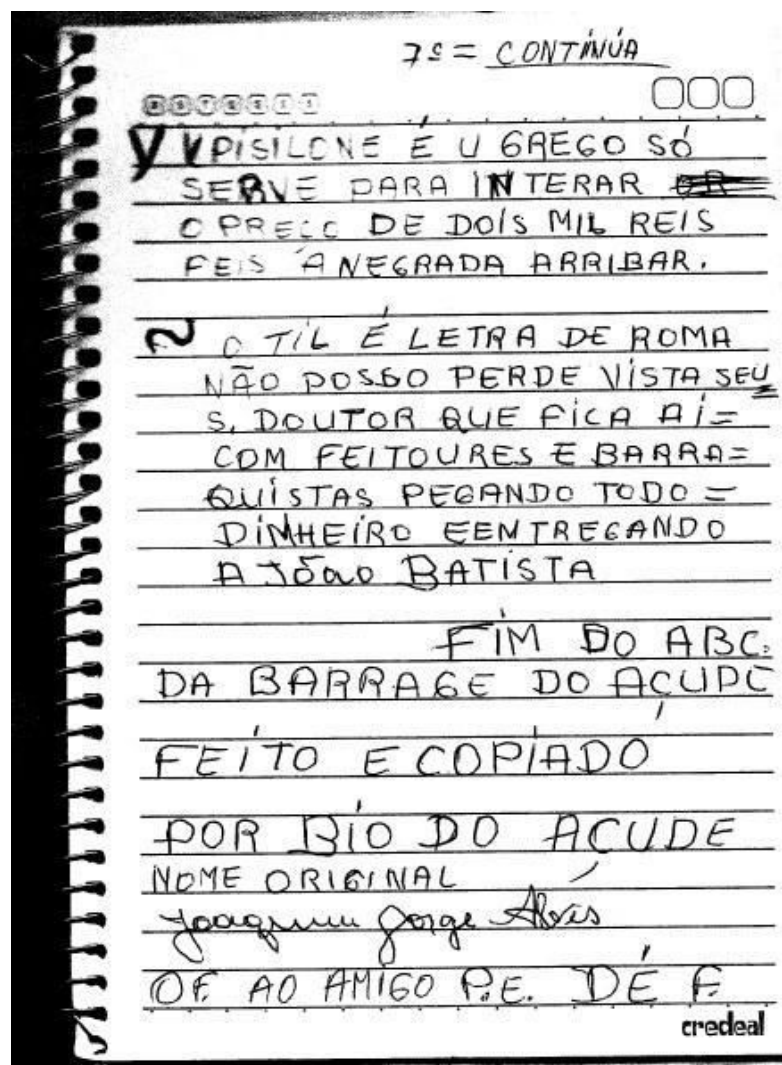
Logo depois de sua construção, caiu uma chuva e “derramou água pra tudo quanto é canto” como comenta Dona Preta. Essa chuva também é descrita na narrativa do ABC do Açude. Provavelmente foi um marco para a região, tendo em vista a seca a qual estava passando anteriormente a este acontecimento. Bio diz que “fizeram a barragem porque não dava pra viver aqui, tudo tinha que trazer de fora”. Isso marca o caráter imprevisível e ao mesmo tempo a dimensão da ausência do processo da seca descrito por Taddei (2017). Essa fala de Bio que se refere a um tempo em que ainda não havia barragem poderia ser transposta para os tempos de hoje com a seca atual, afinal, pelo menos na feira de Macaúbas, atualmente a maioria dos produtos vem de fora. Muitas pessoas jamais pensaram que um dia aquelas águas que apareciam até onde as vistas alcançavam iam desaparecer. Modernidade e tradição entram em conflito nos agenciamentos em relação no açude, marcando uma certa fragilidade nessa dicotomia, como aponta Latour (2003): a intervenção do Estado com suas políticas de modernização, a agencia do ambiente contra essa intervenção e o ABC do Açude enquanto agente de um saber tido como tradicional que surge em um momento de “colonização” da modernidade e perdura no tempo.

O Bio, ao longo de toda nossa conversa, me apresentou muitas outras poesias da região que tinha decorado, se apresentando como um exímio narrador. Benjamin diz que o narrador é aquele que sabe “intercambiar experiências”, aquele que passa uma experiência adiante, experiências estas que são tecidas na própria existência, na própria substância da vida e, além disso, esse intercâmbio supera as existências e experiências individuais, sendo algo que transcende a vida e a morte (1994). Para Benjamin, o narrador é aquele que, dotado de um senso prático, sabe dar conselhos. Talvez seja por isso que essa poesia fosse tão perigosa aos olhos dos feitores e dos gerentes da construção, fazendo com que a proibissem.

Há ainda o relato de um suposto autor do ABC do Açude, um homem que segundo Bio era conhecido como Mérquides. Apesar de poesias desse tipo terem geralmente uma

autoria coletiva, algumas pessoas atribuem a autoria do ABC a este homem devido a alguns indícios. Segundo o relato de Bio, ele era do município de Brotas e tinha um filho, duas informações que aparecem ao longo da narrativa da poesia Segundo comentam, “este homem era bom das ideias”, mas a despeito disso também estava entre aqueles que passavam fome e, revoltado com tais condições de trabalho, elaborou tal ABC. Seu filho, que inclusive dona Beata diz ter conhecido, era uma espécie de gênio, segundo os relatos. Apesar de nunca ter ido à escola, diz-se que o menino só “de olho” corrigia as medidas que os doutores faziam das escavações e, por isso, Mérquides teve de ir para São Paulo, pois estes doutores queriam levar seu filho para a capital baiana. Bio conta que seu pai dizia que Mérquides havia criado o ABC, mas para escapar de uma possível prisão por conta de desobediência, o escreveu e escondeu a poesia em uma cancela da construção, onde aqueles que passavam podiam ler e foi daí que ela passou a ser disseminada.

É interessante perceber na narrativa de Bio as contradições que envolvem a questão da poesia oral e da relação com a escrita: muitas vezes quando este falava em “recitar” a poesia, ele usava a palavra “ler”, ainda que não lesse nada, mas a recitasse de cabeça. Podemos também nos questionar acerca da circulação da poesia na forma escrita, já que provavelmente muitas pessoas na época não eram alfabetizadas. É inclusive pelo fato de Bio falar de Mérquides como uma pessoa “de ideia boa” e da genialidade de seu filho que associa a criação da poesia a este. Oralidade e escrita talvez estivessem juntos na disseminação da poesia, uma forma não invalidando a outra na transmissão dos saberes narrados, mas se tratando de formas diferentes de transmiti-los, afinal o que conta aqui é a sabedoria da experiência.



Transcrição da poesia feita por Bio (2017)

4. Narrativas e memórias de Velhos

Dentre tantas pessoas que vivem em Macaúbas e em Açude, escolhi essas como interlocutoras principais pelo fato de serem as pessoas mais velhas com quem consegui estabelecer contato direto e que, portanto, viveram parte considerável de suas vidas em torno do açude e/ou viram sua construção, como é o caso de Dona Beata, Dona Preta, França e Estevão. No caso de Bio, o mais jovem dentre os cinco, além de ter passado boa parte da vida em torno do açude como pescador e vendedor, é aquele que sabe o ABC completo e é conhecido por isso. Diversas vezes Bio diz ser procurado para recitar o ABC e que muitas pessoas já o gravaram realizando tal feito.

Não se tratava, portanto, de escolher interlocutores com idade avançada pelo fato de que “elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas” o que implicaria o fato de que “sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem” (BOSI, 1994, p.60), isso reflete uma certa ideia de um passado ou mesmo de uma velhice “estável” em contraposição a um presente ou uma juventude ativa.

Como veremos, muitas das pessoas com quem conversei expressam preocupações com a vida presente, especialmente no tocante da questão da seca e outras questões familiares. França, por exemplo, que se autodenomina um “homem do campo”, tem uma vida ativa de trabalhos mesmo na velhice, o que reflete também uma agência na produção da vida, fazendo com que a tese da função da memória na velhice como uma mera “biblioteca” do passado não se confirme no caso de muitas pessoas idosas em Macaúbas. A memória dos velhos em Macaúbas, especialmente aqueles que vivem no campo não está num pano de fundo mais definido que a memória de uma pessoa jovem. Devemos nos perguntar de que tipo de velhice estamos falando. No caso de Bosi, talvez faça sentido o argumento de que “a função do velho (que deixa de ser um membro ativo da sociedade) é a de lembrar” (1994, p.63.) num contexto urbano e de classe média, em São Paulo. A autora, no entanto, comenta que este grau de expectativa de que os velhos tem uma obrigação de lembrar varia de sociedade para sociedade.

Se, como demonstra Bergson, a memória é uma imagem que dura na vida psíquica, e que “recorre-se ao pressuposto de uma conservação subconsciente de toda vida psicológica transcorrida” (Bosi, 1994,p. 46), estes velhos estão a cada dia produzindo mais e mais memória na sua relação da percepção atual do ambiente. É evidente, no entanto, que uma pessoa velha já passou por mais coisas que uma pessoa jovem e, até por conta disso, essas pessoas sejam vistas por muitos como “arquivos vivos” ou “guardiões da tradição”.



França seguindo o rastro do veado (2018)

Além disso, essas pessoas compartilham o mesmo espaço social: o município de Macaúbas e, em particular, todas elas têm relação direta ou indireta com o açude e uma relação mais próxima ou mais distanciada da narrativa do ABC do Açude. Podemos dizer que a memória pessoal e subjetiva dessas pessoas é também uma memória familiar e social, especialmente quando se trata acerca do ABC do Açude. Mesmo com uma forma já “pronta” e com uma narrativa definida (ressaltando que narrativas como esta passam por modificações ao longo do tempo e até mesmo no tempo presente, como veremos), a memória pessoal e a coletiva não se separam quando perguntamos aos interlocutores questões acerca da construção da barragem ou até mesmo quando lemos a poesia para eles.

Com exceção de Bio, li a poesia na íntegra para meus interlocutores e, a todo momento, era interrompido com histórias pessoais ou coletivas acerca daqueles acontecimentos narrados, como vamos discutir nesta seção com reproduções em texto de alguns trechos das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa e das duas idas a campo. Assim, as memórias subjetivas associadas ao ABC do Açude vão constituindo uma narrativa da história do Açude.

4.1 Saboreando o saber

A dimensão corporal da narração, tanto quanto a dimensão cognitiva faz parte da experiência no mundo, mesmo quando tratamos da questão da construção do conhecimento e, mais especificamente da sabedoria. Vimos como o “saber” tem a ver com “ter sabor” e, tomando isso como metáfora, podemos relacionar corpo, percepção e mundo na constituição do conhecimento. Na narração, enquanto forma de transmissão dos saberes provenientes da experiência, o corpo também fala. O corpo se articula com a história contada por meio de gestos e mímicas, fazendo com que por meio de nossa percepção visual, imaginemos a cena tal como descrita.

Nesse sentido, a corporalidade na velhice foi algo que apareceu de diversas maneiras ao longo de minhas conversas e relações com as pessoas com quem conversei, principalmente aquelas de idade mais avançada: muitas vezes caracterizado na articulação lenta das falas; na maneira como algumas dessas pessoas, especialmente Dona Beata e Dona Preta, articulavam certas memórias com dificuldade; a questão de sua mobilidade; a dificuldade em falar com essas pessoas devido a sua perda de audição. Algumas dessas questões ficam claras também ao longo da transcrição das entrevistas como veremos adiante, no entanto, trata-se de formas particulares de se lidar com estas pessoas e que se colocam diariamente em sua relação com as pessoas com quem convivem.

A seguir seguem alguns trechos de entrevistas com as pessoas que me transmitiram sua experiência e memórias acerca da construção da barragem do Açude de forma oral.

4.2. França

França: eu não sei por que que isso aqui é castigado desse jeito. De uns anos pra cá eu nunca vi um negócio desse, a quentura é demais. Os milhozinhos de Angelo alí tava a coisa mais linda do mundo, ó como é que tá. Nunca mais... Não chove pra esfriar a terra, só calor, queima tudo. Com a água do poço, você molha um trem, molha a terra, a folha em cima queima, assa, sapeca.

Felipe: a lavoura aqui tá fraca então?

França: tá, eu não sei mas como a gente insiste em lavoura não. Não produz, o sol não deixa.

Felipe: Mas já foi bom alguma vez?

França: Já, já teve época aqui boa demais, Ave Maria. Feijão pelo menos, Ave Maria, já vendi demais. Já vendi várias vezes aqui carrada de feijão, 250 sacos, saía a carrada amarrada daqui de casa. Colhido aqui. Carrada de feijão amarrada aí. Hoje não colhe dez sacos. Qual é dez? Dois.

Felipe: na época daquele açudão devia ser bom, na época que o senhor era menino.

França: esse açude aí era o que sustentava Macaúbas, Boquira, essas região aí de verdura era tudo daqui do Açude. Hoje é que ta vindo de Livramento, de Dom Basílio, desses infernos pra lá, vem tudo de fora. Mas Boquira, Macaúbas, Rio do Pires, essas feiras aí, Ibipitanga, tudo a verdura era daqui do Açude, e era fartura, era fartura de trem! Peixe! Ave Maria, peixe era... tinha sessenta pescador registrado aí no Açude, sessenta! Dorival um dia me falou, registrado na guarita sessenta pescador. Hoje não tem um pescador no Açude mais.

(...)

Felipe: mas diz que [o ABC do Açude] aconteceu né.

França: o ABC? Foi. O cara que fez. O cara veio trabalhar e ficou arretado, moço. Pelo seguinte, que o povo fala né. Aí era, Ave Maria, era uma escravidão do cão. O cara trabalhava, era tempo de fome demais e o cara não recebia dinheiro não. O governo não pagava dinheiro não, você trabalhava com o direito de comprar e tal venda. O que você ganhasse podia comprar em tal venda, ele dava o vale. O vendeiro lá lhe matava, porque você só tinha o direito de comprar na venda dele. Uma rapadura era mil e quinhentos réis, lá era quatro mil réis. Um prato de feijão era oitenta centavos, lá ele vendia por três real, real não, três conto, três mil réis. Era assim, e o cara era obrigado a comprar, o cara tava morrendo de fome, tinha ganhado o dinheiro, você tá entendendo? Na venda dele! Por isso que fala do Mané Trinchete. O Mané Trinchete era até parente da gente aquela desgraça. Era o dono da venda, o maior vendeiro. No ABC fala, “tudo que eu ganhava Mané Trinchete comia”. Porque Mané Trinchete vendia pelo dobro. Os açougueiro matava o boi e não podia vender pros caras que... vendia pros vendeiros, meu pai mesmo fornecia boi matado pras vendas. Agora, o trabalhador comprava na mão do vendeiro, não podia comprar na mão do açougueiro, porque não tinha a ordem e tudo o que ele quisesse comprar. O cara trabalhava e tinha mais de dez vendas, seu vale saía pra você comprar em tal venda, aí o cara sabia que você comprava ou morria de fome ou perdia. Aí o cara botava. Aí onde diz “tudo o que eu fazia Mané Trinchete comia”. Mané Trinchete aquela desgraça, depois de 32 ele teve sumido lá pelos infernos pelo Mato Grosso, mas veio morrer aqui aquela porra. Gente ruim que só a

desgraça. Mas era rico e tinha venda, vendia tudo e fornecia pro povo. Então era uma escravidão. Já pensou você trabalhar uma semana, um mês e não podia receber o dinheiro? Você tinha que comprar coisa de comer na venda, em tal venda, era obrigado a comprar em tal venda, a injustiça era isso aí. Era o vale, era uma ordem, vamos dizer, que o cara dava, o feitor.

Felipe: foi ruim pros trabalhadores então, mas pro povo aqui foi bom não é?

França: pra muitos aí, muita gente enricou. Meu pai mesmo fornecia, matava boi direto, dois, três bois por semana, ele falava que era negócio bom demais e era mesmo, vendia tudo de uma vez, pesava tudo e tal. E o dono da venda ia vender pra lá e tal. O cara, o dono da venda não tomava prejuízo porque ele pegava o vale do cara e o dinheiro no fim do mês vinha, ele recebia o dinheiro total, ele que recebia o dinheiro e os outros ficavam mamando na cobra. Um rapazinho, uma pessoa que não fosse pai de família, que não precisasse... ganhava um dinheiro no vale e tinha que comprar coisa, porque ele não podia receber o dinheiro pra poder comprar uma roupa, pra comprar um sapato. Era coisa do cão, moço. Por isso eu digo, o governo nunca ajudou ninguém. Uma escravidão dessa.

4.3. Estevão

Felipe: Então o senhor nasceu aqui no Açude mesmo?

Estevão: Foi, foi sim, não foi mesmo aqui no Açude, mas foi na região aqui encostadinha na Taboa, mas aqui mesmo, na região aqui pertinho. Agora vou falar pra você conversar pertinho que eu não to escutando bem, tinha os aparelho, mas os aparelho quebrou. Primeiro quebrou um, agora quebrou outro. Emília falou pra eu ir pra São Paulo pra ir comprar os aparelhos, mas eu não vou mais não, agora eu to vivendo toda a vida, não escutava bem, mas escutava.

F: O senhor nasceu em que ano?

E: Eu nasci em 26, dia 4 de outubro de 1926.

F: Então o senhor viu a barragem sendo construída e tudo mais. Quando o senhor era criança...

E: é, eu era molequinho, então o meu pai trabalhava aí com carro de boi, porque esse açude aí foi feito com carro de boi. Se for lá eu ainda mostro onde era o barreiro que nós trabalhamos. É pra tocar boi, tocar boi e jogar terra em cima do açude, o dia inteirinzinho. Era a vida essa,

que ali foi feito em carro de boi, pra você ver que ali foi feito em 5 anos, pra fazer esse açude aí. Então ia assim e vai a vida. De máquina em cima desse açude só trabalhou foi um trator. Foi só de Custo. Esse Custo era de Belo Horizonte, ele era casado com a filha da velha Abeína da Rua do Escritório. Foi só essa máquina que trabalhou em cima do açude, os outros botando terra e ele esparramando e os outros socando, esparramando e os outros socando, e carro de boi. Aconteceu até que gente morreu aí, menino, que boi disparou com menino arrastando na perna e o doutor gritou “dou dois dias por um, dois dias por um pra dar jeito no boi”, pegaram o boi e não morreu o menino. E essa luta, foi essa luta, trabalhando até que terminou o açude. Aí chegou o primeiro chefe. Foi o velho Virgílio, foi o primeiro chefe que entrou aqui no açude. E eu trabalhando numas ilhas de ameia¹⁰, naquele tempo aquelas ilhas eram todas do chefe, aquela Ilha Grande, a Ilha do Limoeiro. E eu trabalhando de ameia. Trabalhava mais um, mais outro, pegando traíra.

França: Toda vida foi da confiança do chefe.



Carro de boi (2018)

E: É. Pegando traíra, pegando frango d'água, de dia fazia aquele fogão de barro, do meio do arroz, e enchia de barro e pegava a madeira lá em cima pra botar fogo de noite pra marreco não comer, e eu no meio da turma. Armava uma turma de anzol, aí quando era de manhã

¹⁰ Ameia ou meia era o nome que recebiam as pessoas, geralmente crianças, que eram pagas para trabalhar no lugar daqueles que de fato estavam contratados e, quando muito, recebiam metade do salário deste.

vinha arrastando aquela cambada de traíra, porque não aguentava arribar. Armava uma arapuca, ariri, frango d'água, marreco, nossa senhora! Era um farturão!

Eu trabalhei de ameia com ele, acompanhava o finado meu pai, pegava de ameia a roça com ele. E aí meu pai falou “olha seu Virgílio, eu não vou trabalhar mais de ameia não, o senhor toma conta da roça, porque não vou mais trabalhar de ameia não”, ele disse “não, você dá a roça a Estevão. Estevão toma conta”, meu pai falou “não, mas Estevão é menino”, e ele disse “é menino, mas é menino homem e ele dá conta”, e dei mesmo, dei conta e plantava arroz e colhia, e plantava mandioca e colhia e vai naquela vida.

F: Seu pai era quem?

E: Eu conheço os regulamentos daí tudo: que aí tem os rendatários, a lei é essa, aqui é a divisa minha mais sua, tinha que deixar meio metro de cada lado. Uma canoa ta pescando lá no meio da lagoa, se vim uma mareta ele não vai encostar na roça dos outros não, encosta no meio, em roça dos outros nem vê, não podia pisar em nada. E ele foi levando essa vida. Lá o velho Virgílio morreu, foi o primeiro chefe. Veio Pedro Rego. E Pedro Rego o compadre França conhece, Pedro Rego era bem malandrão. Mas naquela lambança, mas não era igual os outros chefes não, e eu trabalhando de ameia, e trabalhando, trabalhando. Pedro Rego saiu e chegou Cajaíba, que era um mateiro velho da ponta aquele ali. E trabalhei mais ele toda vida de ameia, com muita confiança e eu sei dos regulamentos daí tudo, que os chefes dava. Se chegar um cabra e dizer “nessa lagoa de uma ponta a outra, qual é o pedaço de terra ruim que você sabe aí, Estevão?”, eu sei dizer tudo. Pedaço de terra ruim é esse, aquele aculá, aqui tem sal, ali não tem sal. Eu sei tudo porque fui criado aí dentro. E lutei e me criei aí até ficar velho, até esse derradeiro chefe. Depois desse derradeiro chefe que foi Cajaíba, entrou a firma, o DNOCS. Aí lambançou, que foi firma, e eu também não trabalhei mais. Trabalhei assim, de rendatário, mas inclusive com eles ali eu não trabalhei não, porque ali a lei era outra. Mas os chefes, eu trabalhei com os chefes, e trabalhei com confiança, e os chefes tinham confiança em mim, se eu fazia alguma coisa e dissessem que fui eu, então eles diziam “pois tá feito”. E eu trabalhei sempre em cima do regulamento, não saía fora.

Aí teve muita gente que... eu sei que foi muita coisa aí nesse açude.

F: E o senhor lembra da seca de 1932?

E: Mais ou menos eu lembro que foi dura. Maria ainda ontem falou aqui “olha Estevão, essa seca aqui vai ser como a de 32”, eu digo “quem manda é o sol, se for é porque nós merece”, então...

F: O senhor sabe por que decidiram construir essa barragem aqui?

E: Bem, é que só teve um governo aqui que fez serviço aqui foi aquele Juraci. Isso aqui era um sertão bruto, e esse foi o único governo que fez essa represa aqui. Isso aqui quando tá cheio pra nós não tem lugar mais rico que aqui no Açude. Aqui tem de tudo, tem o peixe, tem a batata, tem a mandioca, tem de tudo! Aquele farturão, não falta nada!

França: essa represa aí fornecia Ibipitanga, Macaúbas, Boquira, não tinha verdura de outro canto não!

Estevão: Todos os municípios aqui em volta fornecia daqui, não vinha dos outros cantos pra aqui, ia daqui pros outros canto.

(...)

Felipe: e as pessoas que vieram trabalhar aqui na barragem eram de onde?

Estevão: de todo lugar! Nesse tempo disseram que tinha até muquirana aí, porque vinha gente de todo lugar. Lá na rua da ilha o povo acampava lá e dizia que tinha até muquirana. Então veio gente de todo lugar, porque naquela época pra fazer um açude desse aí em cinco anos, pra fazer em carro de boi, carregar pedra em carro de boi e gente socando. Doutor abria um buraquinho assim em cima do açude, enchia de água, e vinha aqui pro comércio beber pinga, quando voltasse se tivesse secado precisava socar de novo.

Felipe: depois que acabou a obra da barragem, como foi a vida das pessoas depois da seca?

Estevão: era duro, porque no tempo duro é difícil a gente viver. Mas vive, com a graça de Deus ninguém morre. Ele não deixa seus filhos morrerem.

Felipe: o senhor falou sobre a época do DNOCS. Como é que foi quando o DNOCS chegou aí?

Estevão: Eu não sei das época que ele chegou, mas foi quando terminou o açude, porque primeiro foi Inspetoria, depois veio DNOCS e depois veio a CODEVASF¹¹, até hoje é CODEVASF.

Felipe: E dizem que a rua do escritório leva esse nome por conta do escritório que tinha lá?

E: Tinha, eu casei lá no escritório, nesse escritório velho. Tem um barraco lá ainda, mas acabou tudo, desmanchou foi tudo.

F: Na época da barragem o escritório ficava lá então?

França: é, os pagamentos eram feitos todos no escritório.

Felipe: e alí onde é a lagoa, tinham casas lá?

¹¹ Companhia de Desenvolvidimentos dos Vales do São Francisco e Paraíba.

E: Tinha casa, mas não no meio, aqui na ponta mesmo, Joaquim Miúdo tinha uma casa lá, a casa dele era embaixo que foi onde a água pegou. Porque esse terreno aí era dos Borges, de Francisquinho Borges. Aliás, que eu ouvi falar, eu não sei, que ele embargou esse serviço aí por vinte e quatro horas. Pagou eu não sei quantos milhão de multa, e que ele pagou, pagou. Isso aí era tudo deles, dos Borges. Era tudo deles esse terreno, mas casa lá no meio mesmo não tinha.

Felipe: então quando veio a barragem tiraram o terreno dele?

E: tirou. Indenizou, mas naquele tempo uma escritura dos terrenos melhor que tinha valia cem mil réis. Muitos receberam e outros falavam “eu não quero não”. Porque eles passavam o valor da escritura. O velho meu avô mesmo não quis de jeito nenhum. Era João Batista, o velho meu avô, tinha uns cavalo bom, e ele fez amizade com os doutor, e os doutor tudo montado nos cavalo dele aí. Tanto que você disse que o compadre Bio contou o ABC do Açude, não foi? Que ele ainda fala assim: Fica, fica doutor Celso, com fiscal e barraquista com o dinheiro que aqui sai e não dá nem a João Batista. E era o meu avô.

Felipe: João Batista era seu avô?

E: Ele tinha um sítio aí, começou amizade com os doutor, os doutor iam lá, ele tinha umas moças bonitas, os doutor montado nos cavalo, rodava por aí, então ele tomou amizade. No dia do pagamento ele levava o pagamento era amarrado num lenço, aquele montão amarrado num lenço.

Felipe: Seu avô que fazia o pagamento?

E: Não, era o doutor Celso que fazia o pagamento, que era aqui do Açude. E aí eles tiraram no ABC “fica, fica doutor Celso, com fiscal e barraquista, pegando o dinheiro que aqui sai e não dá nem pra João Batista”.

Depois disso, comecei a ler o ABC do Açude para Estevão:

Felipe: se você quiser eu posso ler o ABC pra você. Quer que eu o leia pra você?

Estevão: lê!

F: Vou ler o ABC então pra você.

E: foi compadre Bio?

F: foi!

E: ele é compadre meu!

F: Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande.

E: Era Saco Grande. Os moços em São Paulo procurava “de onde é você, de onde é sua namorada?” “Minha namorada é do Saco Grande”.

F: Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence

Cheguei aqui em Dezembro no “régor” da carestia, procurando toda forma de fazer economia, “mais” tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia

E: Era negociante o Mané Trinchete, conheci muito.

(...)

Ypisilone é o grego, só serve para interar, o preço de dois mil réis fez a negrada arribar

~ o til é a letra de Roma, não posso perde vista, S. Doutor que fica ai com “feitoures” e “barraquistas” pegando todo dinheiro e entregando a João Batista.

E: Então eu não menti não.

França: é bom, moço, é bom! O ano passado ele teve aqui e teve com Bio de Ângelo e gravou isso aí.

F: O senhor [Estevão] já conhecia esse ABC?

E: Não conhecia não, eu só sabia aquele pé que eu disse, mas eu nunca vi nesse não. Mas isso aí é importante

França: é importante.

4.4. Dona Preta

Felipe: então, Dona Preta, a senhora está me ouvindo?

Preta: Hum?

Felipe: a senhora consegue me ouvir?

Preta: o meu nome?

F: se a senhora consegue me ouvir.

Preta: eu tô surdinha

F: é né. A senhora nasceu aqui no açude não foi? a senhora nasceu aqui?

P: foi.

F: quando?

P: eu nasci em 11 de Janeiro de 14.

F: então a senhora viu aí construir a barragem?

P: foi.

F: como é que foi? A senhora se lembra?

P: de que?

F: como que foi nessa época, como é que foi que construiu essa barragem.

P: quando começou?

F: é.

P: essa barragem tá com 86 anos que começou. Agora eu não sei mais de nada, porque eu esqueço tudo. Tá com 86 anos, não é não?

F: A senhora era menina quando começou a barragem?

P: é. E esse homem que veio aqui, ele era feitor, pai quem fornecia às turmas dele, sabe? Aí chegou e ficou sentado ali e ficou olhando pra mim, eu disse “Ave Maria, esse homem parece que tá doido”, ficou olhando pra mim com os olhos arregalados, e eu “ai ai”, aí ele falou “você é a filha de Joaquim Miúdo?”, eu disse “sou”. Ai “pois a senhora sabia que seu pai foi quem forneceu as turmas nossas?”. Agora que eu lembrei, lembrei agora disso. Ele faleceu com 108 anos, ele conheceu a casa que meu pai morava, tudo ele conheceu, tudo.

F: seu pai trabalhou na barragem?

P: foi. E sabe quantas pessoas trabalhou aqui? Deixa eu ver, eu esqueci. Tem hora que eu esqueço. Não sei mais quantas foi não.

F: Mas foram muitas?

P: Sei mais não. Eu esqueci.

F: E assim, antes da barragem teve uma seca aqui né?

P: Foi a barragem, que eu to dizendo que ta com 86 anos que começou essa barragem aqui, que começou essas casas aqui também, tá com 85. Eu morava pra lá, lá pra perto da lagoa, depois que começou a barragem foi que começou aqui [essas casas].

F: e da seca, a senhora se lembra? Da seca de 32 que foi antes da barragem?

P: sei não.

F: que teve gente que morreu de fome. A senhora lembra disso aí?

P: o que?

F: que teve gente que morreu de fome por conta da seca.

P: morreu muita gente de fome aqui. Ó, ali pro fundo dessa coisa, e só de gente, tudo morrendo de fome, gente de todo o mundo, de tudo quanto é canto tava aqui e morrendo todo dia, todo dia. É assim.

F: mas aí depois da barragem ficou bom, o povo começou a comer, começou a colher.

P: aí foi quando o povo começou a barragem.

F: foi né. E a senhora conhece alguma história da barragem? Algum ABC?

P: eu não to lembrada mais não. Eu não durmo de noite e eu fico tonta.

F: Disseram que veio o DNOCS pra cá.

P: sei não.

F: a senhora conhece Bio de Angelo?

P: Bio de Angelo? Conheço. Ele morava aqui nessa casa [ao lado].

F: dizem que ele conhece uma história sobre o açude, um ABC. A senhora já viu isso daí?

P: não, eu sei que Angelo morava aqui, Bio, tudo morava aqui nessa casa.

F: Vizinho aqui da senhora?

P: é.

F: Entendi. Então o ABC do Açude a senhora não conhece não? Que tem uma história.

P: não sei não.

F: posso ler o ABC do Açude pra senhora?

P: (...)

F: Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande.

Dizem que aqui chamava de Saco Grande antes, não é?

P: hum?

F: era Saco Grande?

P: depois mudou pra açude.

F: Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense (...)

P: Eu tava lá em Goiás, tava morando lá em Goiás e, como é que chama? E vim pra aqui pra voltar, cheguei aqui adoeci. Vim pra morrer aqui. Agora quiseram vir me buscar e eu não quis ir mais não. Falei “vou morrer aqui, não vou mais não”.

F: Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence

Cheguei aqui em Dezembro no “régor” da carestia, procurando toda forma de fazer economia, “mais” tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia

P: Mané Trinchete morava aqui nessas região. [risadas]

F: Depois saiu meu fiscal com quem eu era me alistado, passei “custurar” bruaca sem ter nenhum resultado. Até hoje tem mil e duzentos fiado

Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra senão eu viro um esqueleto, me acabando na “barrage” e embarrigando a Zé Preto

Fiz outra bela cartinha pelo mesmo portador, porque nesta ocasião eu fiquei sem meu feitor. Até hoje ainda espero a resposta do doutor

Ganhava eu três mil reis, o menino mil e quinhentos, mais um prato de farinha. Era dois e quatro centos, “toicim” a quatro mil reis, feijão a quatro e duzentos

P: o homem chegou aqui falando “qual foi a primeira escola que teve aqui?” E eu falei assim, foi Amélia que teve aqui, era na Rua do Escritório, a primeira escola foi dela, eu mesmo estudei na escola dela. Depois veio uns de Macaúbas, tinha um pessoal que não sei mais não. Mas a primeira escola que teve aqui foi a de coisa.

F: qual era o nome da professora dessa escola?

P: A velha Amélia.

F: quem era ela?

P: sei lá esse povo.

(...)

P: vai tomar café, lá dentro tem.

José¹²: Dona Preta, a senhora lembra de um ABC que Bio de Angelo falava sobre o açude?

P: Como é que chama?

José: que Bio de Angelo (...)

P: eu tô dizendo pra você que tinha essa casa aqui, que morava Bio de Angelo, Angelo, esse povo tudo morava aí, Baia, a mulher dele.

Felipe: isso mesmo, agora a senhora lembra que ele falava um ABC sobre o Açude?

P: não. Não to lembrada não.

Felipe: falando sobre o tempo da construção do Açude, falando o que aconteceu por aqui.

P: não. A gente vai ficando velha e vai esquecendo de tudo.

F: e como é que as pessoas trabalhavam nessa época?

¹² Meu tio, padre que atua em igrejas da região, me acompanhou em algumas entrevistas

P: hum?

F: como é que as pessoas fizeram a barragem?

P: como começou o que?

F: como é que os trabalhadores da barragem trabalhavam?

P: ué, eu sei lá. Trabalhava aí na barragem. Eu sei que eles levaram 5 mil... talvez, 5 anos pra fazer essa barragem. E 5 mil pessoas trabalhou aí, 5 mil pessoas trabalhou aí pra fazer.

F: e foi tudo manual? Trabalhava com as gamelinhas, como é que era?

P: É. Sei lá.

F: era com carro de boi?

P: carro de boi e tudo. Os carros revirava com gente dentro.

F: e depois que terminou a barragem que juntou água aí.

P: Encheu a lagoa, se eu lhe dizer. Teve um dia com uma noite, deu uma chuva aqui que encheu a lagoa que sangrou, agora tá aí seca.

F: e o que tinha nessa lagoa quando ela estava cheia? O que as pessoas faziam?

P: olha, tinha plantação, tinha de tudo aí, uma fartura de tudo aí, agora acabou tudo, tá seca aí.

F: e pescava, como é que era? Tinha peixe?

P: tinha peixe, tinha tudo quanto é qualidade de coisa que tinha aí nessa lagoa. Camarão, tudo quanto é coisa.

F: a lagoa foi uma coisa boa?

P: foi assim, a lagoa tava seca e depois encheu que derramou pra tudo quanto é canto.

F: o povo bebia água?

P: hoje ninguém bebe mais a água daí mais não.

F: mas naquele tempo bebeu?

P: é imundice, é mato, gente tomava banho, ninguém tomava banho.

F: mas o povo servia da água, tirava pra beber, lavava roupa?

P: lavava a roupa tirava as água, retirava, tinha os empregado, como é que chama?

Tinha não sei quantos empregados e tirava e lavava a roupa longe. E nem ninguém tomava banho aí, depois que encheu tomava banho, essa lagoa eu já bebi água, agora não bebo mais não.

F: aqui no açude tinha feira aquele tempo? a feira do açude.

P: o Açude, aqui a feira era dia de domingo, uma feirona que era a coisa mais linda. A gente tinha feira aqui no terreiro, e vinha gente de tudo quanto era canto. Mas acabou a feira, não sei se foi vendida, não sei quem mudou.



A feira (2018)

F: e da festa do peixe, a senhora lembra?

P: a festa do peixe eu não lembro quando foi mais não. A festa do peixe foi lá na beira da lagoa, mas borrou de gente aquela coisona lá.

F: a senhora ia na festa do peixe?

P: eu ia.

F: e como era?

P: olha, a festa do peixe juntou o povo todo dessa rua, quase encheu de gente aquela outra rua. Fazia peixe, fazia de comer, o povo de Macaúbas vinha tudo.

4.5. Dona Beata

Felipe: a senhora está sozinha aqui?

Beata: Sim, estou sozinha aqui. Aqui passa muita gente, é só um entra, outro sai, meu povo mora tudo por aqui.

F.: Aí eu to aqui, fazendo aquelas pesquisas que eu falei pra senhora. Eu queria saber se posso tirar um retrato da senhora.

B.: Oh meu deus do céu. Eu tô uma velha estrambelhada.

F.: Eu já vim aqui várias vezes, não é Dona Beata?

B.: Veio. Quem eu nunca mais vi foi o povo de França, nunca mais vi Deca, dona Bela, nunca mais eu vi.

F.: Eu vou falar pra eles virem aqui.

José: França fica mais na roça.

B.: é, eu não posso andar e eles não vêm aqui. E eu tenho tanta gente, eu tenho tanto parente.

F.: a senhora tem parente onde?

B.: Oh, minha nossa, eu tenho gente... em São Paulo eu tenho neto, bisneto, tataraneto. Só bisneto eu tenho cento e tantos. Desse jeito.

José: olha o celularzão dela aí. A senhora liga para as pessoas?

B.: não, só sei receber. Para ligar eu não ligo. O povo liga pra mim, eu atendo e converso. A netaiada de São Paulo, um liga, outro liga, um liga... eu tenho rebanho de gente lá em São Paulo. Neto, bisneto, tataraneto.

F.: Tem que ser assim né, entrar em contato e tal. Né!? Entrar em contato com a família.

B.: hein?

F.: é bom entrar em contato com a família.

B.: É.

F.: agora [que já arrumei o equipamento], a gente vai conversar um pouquinho. Ah, a senhora se lembra do ABC do Bio, que o Bio recita?

B.: Que?

F.: A senhora se lembra do ABC que o Bio fala?

B.: É, mas eu já esqueci.

F.: Bom, então eu vou ler para a senhora. Eu posso?

B.: Pode, pode ler! Eu esqueci, só sei dois pé. Bio que sabe ela todinha.

F.: então vou ler pra senhora, pra senhora lembrar. Se eu ler pra senhora será que você lembra?

B.: Se alembro da décima, porque de primeira o povo falava décima, essas coisas assim.

F.: a senhora não lembra de nenhum verso?

B.: Assim, “Cheguei aqui no mês de Dezembro, no meio da carestia, o dinheiro que eu ganhava Mané Trinchete comia. Escrevi uma cartinha, cartinha a Dr. Barreto. Me protege Dr. Barreto se não eu viro um esqueleto, trabalhando na barragem pra embarrigar a Zé Preto”, e tinha outro, aquele “entreguei a buzina a um nego do pé inchado, de dia tava vagando e de noite embriagado, quando era de madrugada se ouve um búzio danado”¹³. Aí tem outras, mas eu esqueci. Bio sabe todinha, você sabe?

F.: Sei sim, a senhora já viu ele lendo? O ABC?

B.: Acho que não.

F.: Eu vou ler pra você.

B.: Lê aí.

F.: Aproveitando a sorte enquanto ela não desanda São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Fernandes. Para cumpri minha sina, vim parar no Saco-Grande.

B.: É, chamava Saco Grande mesmo.

F.: Chamava Saco Grande?

B.: era Saco Grande, e depois virou Açude.

F.: Bateu uma crise danada no município brotense, e aqui tinha socorro do governo fluminense, que obrigou-me arribar com tudo que me pertence

Cheguei aqui em Dezembro no “régor” da carestia, procurando toda forma de fazer economia, “mais” tudo quanto eu fazia, Mané Trinchete comia

¹³ diferente de Bio, Dona Beata recita estes trechos cantarolando.

B.: o dinheirinho que ele ganhava, comprava coisa pra comer (risadas)

F.: e o Mané Trinchete comia. E a senhora o conheceu?

B.: Eu vi ele umas vezes, morava aqui em Macaúbas.

F.: morava aqui e dizem que ele era “vendeiro”.

B.: Aí você sabe, ele mexia com essas coisas de barraca. A rapadura, pegava a rapadura e cerrava miudinha assim pro povo comprar. Foi uma fome terrível naquele tempo.

F.: Depois saiu meu fiscal com quem eu era me alistado, passei “custurar” bruaca sem ter nenhum resultado. Até hoje tem mil e duzentos fiado

Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra senão eu viro um esqueleto, me acabando na barragem e embarrigando a Zé Preto (Dona Beata completa ela mesma este verso)

Fiz outra bela cartinha pelo mesmo portador, porque nesta ocasião eu fiquei sem meu feitor. Até hoje ainda espero a resposta do doutor

Ganhava eu três mil reis, o menino mil e quinhentos, mais um prato de farinha. Era dois e quatro centos, “toicim” a quatro mil reis, feijão a quatro e duzentos...

B.: O menino dele trabalhava mais pai. Pai pagava o menino dele pra trabalhar, pra tocar os boi.

F.: mas então a senhora conheceu o cara que fez esse ABC?

B.: Eu vi ele umas vezes, e o menino dele trabalhava com pai. Pai pagava o menino pra tocar os boi pra ele. E o menino sabia tudo quanto era coisa, eles falavam que o menino sabia tudo. Tinha o ponto que ele encontrava pai pra eles ir trabalhar, não tinha carro naquele tempo, naquele tempo era carro de boi. Era no lombo dos boi que fez aquela barragem, porque não tinha carro, não tinha caminhão, carro nenhum não tinha nada, só tinha carro de boi, carro de boi, e virou aquele trem pra cima, só quem visse como era, carro cantando, você já viu como era carro de boi? O povo já sofreu pra trabalhar ali naquela barragem, mas fez foi boa, e fez nos lombos dois bois.

F.: E o pai do menino, quem era?

B.: Ele era de longe, eu não sei de onde que ele era. Ele veio pra trabalhar aí na barragem.

F.: E era o cara que fez esse ABC?

B.: sim, eu não sei onde é que ele morava, ele não morava aí não, ele era de longe. Veio muita gente trabalhar aí nessa barragem, foi. Foi uns 5 anos, 6 anos pra fazer a barragem.

F.: Bom, vou continuar lendo aqui, tudo bem?

Horário de seis a seis, meio dia um descansinho. Quando chegava da venda é que ia cuidar dum “arrozinho”, senão não dava tempo, se não voltar do caminho

Intregaro a buzina um negro do pé inchado, de dia vive dormindo e a noite embreagado. Quando é as 4 horas ouve-se um búzio danado

B.: escutava lá em casa! Eu morava nas Covas e escutava lá. Eu casei, eu era moça, foi em 34 eu casei e meu marido trabalhou na barragem, pai deu um carro com uns boi pra ele porque ele não tinha e ele trabalhou um montão de tempo na barragem. Quando essa buzina tocava ele saía assim ó... numa carreira com esses bois pra ir trabalhar. Levava o carro com os bois pra barragem, levava os bois pra roça pra comer e dar água pra beber. Voltava de madrugada e saía assim.

F.: E a senhora nasceu em que ano?

B.: em 14, dia 24 de Junho de 1914.

F.: **J**aneiro é mês rigoroso de 13 horas no dia. O pobre sendo obrigado, aqui nesta “ispetoria” com o mulambo no corpo e a barriga vazia

Era a inspetoria lá né?

B.: É.

F.: **K**á faz parte, mas não entra na “linguaje” brasileira. Operário daqui também trabalha a semana inteira, recebe, porém não mete quarenta réis na gibeira

Você quer falar?

B.: Não... é todo mundo falava que esse homem tem a ideia boa de fazer isso aí, esse ABC. O povo fala de ABC né, e todo mundo falava. E passava até fome o coitado. O menino comia que pai dava de comer ao menino, eu vi o menino foi duas ou três vez. Naquele tempo foi um sofrimento, foi uma fome que não foi mole.

F.: E aí ele diz assim...

Ladruaje como aqui é uma coisa de horror. Começar de “barraquista”, operário e feitor. Aqui nesta “ispetoria” todo mundo é comedor

B.: (risadas)

F.: Mas o mundo esta tão péssimo que obriga sujeitar imposição de feitor e “barraquista” a roubar. E a muquirana roendo não tempo de coçar.

B.: Pois é, criou até muquirana

F.: Muquirana é o que?

B.: é um piolho desse tamanho, o povo que falou, eu não vi. Eu ia lá, minha prima morava lá, meu cunhado era fiscal pra Zé Vieira, era fiscal, e você sabe como era, nós morava afastado. Pai morava afastado, mas nós ia lá e tudo, aí fez aquela rua lá e tirou as casas dos morador e levou tudo pra lá.

F.: E tinha o Francisquinho Borges, a senhora sabe?

B.: Eu ouvi falar muito no finado... no finado Borges, é que eu não sei mesmo as lembranças dele, sabe como a gente fica velho né? Eles tinham lá as fazendas deles, o finado Borges, do açude pra cá assim.

F.: Aí ele fala...

Na notícia que eu vinha desta ilustre companhia, que operário ganhava até dez mil réis por dia e que todo fim do mês o pagamento saía

Ó noticia miserável, espalhou por todo lado. Aqui tem um mexe mexe como tecido de aranha, operário bate nove e barraquista é quem ganha

B.: (risadas)

F.: Preço de trem na barraca, era o que o dono marcava, pois o vale corria aonde o feitor mandava

Quando eu dou quatro e duzentos pelo um prato de feijão, que eu vejo lá na feira de dois prato por um tostão, da vontade de pegar meu vale e jogar no chão!

B.: é, o povo passou fome, muita gente veio de longe e passou fome. Foi uma fome terrível, uma crise. Mas lá em casa graças a Deus, nós não passamos fome. Pai tirava até leite de vaca, pai trabalhava na barragem, pai trabalhava, comprava as coisas pra comer, e graças a Deus nós não passamos fome, na casa de pai nós não passamos fome.

F.: seu pai trabalhava lá, mas ele trabalhava de feitor, alguma coisa assim?

B.: trabalhava com carro, com carro de boi. Graças a Deus nós não passamos, mas foi uma crise, uma crise terrível.

F.: e depois que a barragem ficou pronta?

B.: aí foi pronto, aí choveu, aí o povo foi plantando, foi pelejando, pelejando aí foi que a coisa melhorou.

F.: Reservando-me a soberba pra Deus não me castigar, se for pra receber vale eu deixo de trabalhar. Que não quero ter um amor para ver outro gozar

Se pego o infeliz do vale, vou fazer compra na venda. Compra quatro, cinco mil réis e não dar pra uma merenda

B.: é, tem uma cabeça boa esse homem, o povo falou que esse homem tem uma ideia boa de fazer essas coisas tudo.

F.: aí ele fala assim... ta acabando...

Teófilo adeus, meu caro Tio Tino. Apontador fica ai com sua “barrage” que eu por aí já me vou

Tinha esse cara aí mesmo, Tio Tino?

B.: tinha, tinha essas coisa tudo, tinha! Foi ele que botou tudo

F.: Universo está tão péssimo que obriga sujeitar uns vindo pra receber e outros pra comprar

Vou ver se arrumo um lugar que eu possa trabalhar pra doutor não marcar meu ponto nem buzina me acordar

Aí no final ele fala:

Xuveu tanto em tantas partes, já tudo, desse jeito.

F.: Na época da barragem as pessoas já cantavam esse ABC? Na época que a senhora morava no Açude?

se ver muitas farturas, na feira também se ver feijão e milho e rapadura. Vamos embora meus colegas deste “Saco de Usura”

B.: é, foi é cumprida

F.: Zefirino, adeus, meu caro. Tio Tino apontador fica aí com sua barragem que eu por aqui já me vou

Ypisilone é u grego, só serve para interar, o preço de dois mil réis fez a negrada arribar

~ o til é a letra de Roma, não posso perde vista, S. Doutor que fica ai com “feitoures” e “barraquistas” pegando todo dinheiro e entregando a João Batista.

B.: E o povo falava, o povo falava mas eu não vi que tinha o menino e o menino era assim, e trabalhava mais pai, pra tocar boi e essas coisas, eu vi ele uma vez. O povo contava que o menino, qualquer coisa que achava na rua ele lia tudo sem nunca ter ido pra escola.

F.: e a senhora lembra do nome do homem que fez isso aqui?

B.: não. Aí o menino pegava o papel e lia tudo, o menino. Sem nunca ter ido na escola, esse dito menino, filho desse homem.

F.: e esse homem era conhecido?

B.: não, ele era de longe. Ele não era daqui não, agora não sei de onde ele era, mas ele era de longe. Veio muita gente de longe trabalhar na barragem.

F.: O Bio me falou que o nome desse homem era Mérquides.

B.: as vezes é, porque você sabe que Bio, era quem conhecia, eu era moça naquele tempo, e Bio sabe B.: Não, porque quem tirou esse ABC foi o homem que chegou, mas ele sabia tudo.

F.: e dizem que quem cantava isso aqui era preso.

B.: isso aí eu não sei não.

F.: seu pai não falava nada pra senhora sobre isso? Ou seu marido?

B.: não, pai só ia trabalhar e tudo. Meu marido não ligava muito com coisa assim.

F.: Mas seu pai e seu marido conheciam o ABC?

B.: Conheciam, sabia tudo. Todo mundo conhecia esse ABC. Pois é, desse jeito.

F.: Então a senhora já viu Bio recitando esse ABC?

B.: pois já! Eu aprendi até, mas esqueci, esqueci demais, mas esses pezinhos ainda tenho na cabeça. “Cheguei aqui no mês de Dezembro, no meio da carestia, o dinheiro que eu ganhava Mané Trinchete comia. Escrevi uma cartinha, cartinha a Dr. Barreto. Me protege Dr. Barreto se não eu viro um esqueleto, trabalhando na barragem pra embarrigar a Zé Preto”; “entreguei a buzina a um nego do pé inchado, de dia tava vagando e de noite embriagado, quando era de madrugada se ouve um búzio danado”

Ele bebia cachaça e quando era de madrugada “puuuuu”, escutava la nas Covas, era uma buzina doida. Mas a gente não se importava, devia aprender assim né? Mas Bio aprendeu todinha, Bio sabe.

F.: é bom, e é bonito né?

B.: É.

F.: Depois eu vou mandar pra senhora e pros filhos da senhora esse retrato que tirei de você.

B.: ta bom! Pois é assim mesmo.

4.6. Bio de Angelo

Após Bio recitar todo o ABC do Açude:

Felipe: Falar um pouquinho de você também, pras pessoas saberem quem é você e tal. Você nasceu aqui no Açude?

Bio: no Açude, nasci no ano, no mês de Março, 29 de Março de 1936.

F: o seu nome é Bio, mas...

Bio: o meu nome é Bio, é um apelido, mas meu nome é Joaquim Jorge Alves.

F: você conheceu essa barragem então desde que você era criança?

Bio: desde criança.

F: como que era aqui quando você era criança? você lembra assim, de como que era sua relação aqui com a barragem?

Bio: a gente quase não penetrava aqui mas já fui pescador aqui quando ela tava cheia, quando pegou água, pescava, fazia rede, tudo as coisas de pescaria, vivia aqui, no mesmo Açude aqui, mas nessa luta aqui de pescar e essas coisas assim, trabalhei aí no DNOCS, fui rendeiro aqui, tenho tudo os contratos dos lotes durante foi o DNOCS e tudo assim.

F: disse que tinha uma seca aqui em 32.

Bio: em 32 foi quando fez a barragem.

F: e aí por que fizeram a barragem?

Bio: por causa disso, não tinha como o povo viver aqui, né. Aqui tinha coisa que se você quisesse qualquer coisa tinha que sair fora daqui. Então eles fizeram aqui foi no governo, eu acho, de Juraci Magalhães, fizeram isso aqui em 32, fizeram essa barragem aqui e é um serviço aqui, todo mundo sobrevivia daqui, do peixe, da lavoura, dessas coisas.

F: e agora tá seco.

Bio: é, agora tá seco. Quando começou aqui era Inspeção Federal de Obras Contra a Seca, depois veio DNOCS e agora tá isso aí abandonado aí.

F: esse ABC que o senhor recitou, quando foi a primeira vez que você ouviu ele?

Bio: moço eu vi ele eu já era casado já, eu tinha uns vinte e poucos anos, de dezoito a vinte anos, por aí. Aliás eles falaram, porque eles construíram aí, porque o moço que fez o ABC, com medo de ter alguma coisa com ele, ser até preso, ele jogou lá nas, tinha as cancelas aqui né, ele jogou na cancela, acharam e o povo lia oculto, por debaixo dos panos pra ninguém saber quem era, como ninguém soube. A gente que faz um cálculo aqui que foi esse cara que fez.

F: O Mérquides.

Bio: O Mérquides. Mas pra dizer certo que foi ele... e soube mais ou menos que era ele por causa do filho. Porque ele tinha um filho de sete anos de idade e lá fala do filho e tudo.

F: o nome dele era como?

Bio: Mérquides.

F: mas aí, eu fico meio impressionado com o senhor. Como o senhor conseguiu decorar esse ABC?

Bio: eu não vi, um falava um verso, outro falava outro, porque eles não sabiam tudo. Tinha um senhor que morava aqui, Ioiô, esse pessoal mais antigo que ajudou, que trabalhou aqui né, todo mundo que podia trabalhar, trabalhava. Então, um falava um verso, outro falava outro, mas o ABC mesmo eu não vi. Sei que tinha porque meu pai falou que tinha, que ele fez e jogou lá. Mas assim, pra mim saber, um falava um verso, outro falava outro, um sabia três ou quatro versos, outro sabia outro, então eu fui juntando ali e pelas letras que iam seguindo, aquela pessoa que as vezes recitava ele não sabia tudo. Então eu fui sabendo das letras e fui juntando até, né. Porque o ABC se chama ABC da barragem e deu certo.

F: então a barragem foi uma coisa boa pro pessoal da região?

Bio: ah, foi. Aí que nem tava cheia. Diz eles que não, que agora tá melhor, eu digo “tá é louco”. Porque uma coisa dessa, pra quem era isso aqui pra você só ver aí até onde alcança a vista da gente só água, peixe. Se você tem necessidade, porque todo mundo tem necessidade, quer uma mistura, uma coisa, chegava aí e batia uma tarrafa. Uma só mesmo chega. Tinha peixe demais, de toda qualidade, tilápia de 4 ou 5 qualidade e traíra, curimatã e tudo, pra tá uma coisa dessa e dizer que tá melhor, é louco. Aliás só a verdura, eu mesmo era um dos que vendia. Comprei carro, andava, fazia Rio do Pires, feira, Boquira, aqui Macaúbas e tudo. Então pra um cara hoje comer uma verdura tem que vir de fora e ainda ter coragem de dizer que uma coisa dessa é boa, né? Pra mim ele não tá batendo bem não.

F: Bom era mesmo se tivesse cheia né?

Bio: é, porque aí quem quisesse plantar, plantava, quem não quisesse né? Mas que ela cheia aí é comparar a vida com a morte, desse jeito aí, tá louco.



Memória da lagoa¹⁴. 1 (2018)

¹⁴ Ver conclusão

F: E no ABC mesmo dizia que aqui chamava Saco Grande né?

B: Saco Grande, era. Chamava Saco Grande, o Açude aqui chamava Saco Grande, depois mudou pra Açude.

F: depois que veio a barragem mudou pra Açude.

Bio: Sim, acho que porque fizeram o açude, chamaram de Açude. Açude de Macaúbas.

F: O senhor sabe por que chamavam de Saco Grande?

Bio: Não

F: era só um nome que tinha aí?

Bio: Só um nome.

José: Não era Saco Grande pra dar uma ideia que o saco era cheio de fartura? De coisas, por exemplo, de hortas, de batata, de mandioca, de peixe. Essa ideia do saco que era cheio porque era grande.

Bio: Podia até ser por essa causa, mas depois que fizeram isso aí, que fez o Açude também, botou até o nome lá onde é Açude, botou nas construção lá, onde é Açude. Então foi uma coisa que teve, mas o primeiro nome foi Saco Grande e depois Açude.

F: e dizem que o ABC era proibido de se recitar, não é?

Bio: era proibido, porque o próprio cara que fez, ele ficou com medo né? ficou com medo de apresentar, pegou e jogou lá, porque naquela época se ele fizesse uma coisa dessa os doutores podiam até prender ele.

F: mas os outros trabalhadores da obra conheciam o ABC? Tem essa história?

Bio: muitos conheciam que trabalhavam aí, porque depois que achou, leu né, que nem eu te falei aí, uns pegavam e sabiam dois ou três versos. O Ioiô mesmo que era daí, sabia uns 3 ou 4 versos. Outros já falavam outro, mas nunca teve alguém assim pra falar ele inteiradinho. Nem aqui. Depois disso aí, que eu tenho lido ele aí até em celular e eles tem gravado, eu acho que mesmo assim não tem quem fala ele todo, sem tiver um papel, como eu tirei pra muitos aí. “Eu lhe pago, rapaz”, eu digo “não”, aí tem ele tirado aí, pode até ter aprendido.

F: muita gente conhece esse ABC por causa de você então?

Bio: por causa de mim, porque sabia assim como eu to te dizendo, três, quatro versos, cinco versos, mas não sabia tal verso, só sabia até aí

F: só você sabia tudo?

Bio: tudo.

F: que sabe tudo até hoje, né

Bio: até hoje. Eu fui pegando de verso em verso, fui lendo e aí eles falavam “quem sabe ele aí é Bio, que sabe o ABC”. Mas eles mesmo que trabalharam aí, se for pra eles falar tudo aqui nenhum fala. Pode ser que fala agora que já soltou aí, gravou, se tiver inteligência grava né?

F: e esses personagens que estão no ACB eles realmente existiram não é? Mané Trinchete, João Batista?

Bio: esses aí eram que vendia coisa né, que tinha aqui, que vendia e o cara era obrigado a comprar, porque o vale, que nem diz, só corria onde o feitor ordenava. Ele via coisa lá na feira de dois pratos por um tostão e ele era obrigado a comprar aqui. Você não vê falar “quando eu dou quatro e duzentos por um prato de feijão que eu vejo lá na feira de dois pratos por um tostão, da vontade de pegar meu vale e jogar no chão”, é assim.

F: pois é. E o João Batista? Fala um pouco dele que você disse lá no carro.

Bio: o João Batista era uma pessoa igual nós mesmo, era de idade, mas tinha muita filha mulher, então o que é que acontece, esses doutor se socava tudo pra lá, que nem você vê no fim do ABC “pegando todo dinheiro e entregando a João Batista”, o povo comentava que por causa das mulher os doutor era tudo pra lá, e o dinheiro passava tudo pela mão dele, porque ele tinha essa mulherada lá, filhas dele.

F: e esse tal de Doutor Barreto, que fala? Um tal de Doutor Barreto, não lembro em que verso que era.

Bio: qual verso?

F: Escrevi uma cartinha a amigo Dr. Barreto.

Bio: Escrevi uma cartinha, amigo Dr. Barreto, me protege nessa terra se não eu viro um esqueleto, me acabando na barragem e embarrigando a Zé Preto. Zé Preto devia ser algum dono de qualquer coisa que vendia aí né. Porque o vale só corria aqui, se ele fosse comprar coisa barato lá, não recebia. Ele via lá na feira baratinho, mas não podia comprar.

F: e na sua opinião por que esse ABC é importante aqui pro povo do Açude? Tem alguma importância assim?

B: não, aquilo acho que ele fez aí pelo sofrimento que eles viam aqui, porque deu até muquirana como você vê falar aí no verso né. Até muquirana. Minha mãe falava que precisava ferventar as roupas. A muquirana é um piolhão assim, até voa. Tá entendendo? E precisava ferventar as roupas naquela época. E tanta coisa, era gente de todo o lado e Pernambuco, gente de todo o estado aqui, era um horror isso aí. Tinha a rua da palha lá pra

ilha, então era muita gente, não era pouca gente não pra fazer isso aqui. Foi 4 anos nessa vida aí. Aí ficou um monte de carro velho aí, essas carriolinha de mão, aí vou te falar, dava da altura do mundo, tudo quebrado. Porque aqui não teve negócio de carro que nem hoje não, era só carro de boi, todo mundo que pegava pra trabalhar aqui era com carro de boi. Foi feito braçal aí. Olha o socamento disso aqui, aqui morreu dois cara aqui de baixo, que abriram essa escavação aqui. Eles voltaram pra apanhar os ferros e o barranco fechou. Então isso aqui veio socando desse soquete de mão desde baixo, foi feito tudo manual, não tem negócio que nem hoje. Um serviço desse aqui hoje se brincar não bate um ano ele já vai tudo feito. Então foi 4 anos nessa vida aí e multidão de pessoas.



Memória da lagoa. 2 (2018)

F: E a Rua do Escritório dizem que chama assim porque tinha um escritório lá.

Bio: tinha um escritório, aí tinha um escritório grande, que é onde o zelador ficava. O zelador aqui da inspetoria, pra receber o dinheiro que a gente arrendava os lotes aqui pra plantar e coisa e tal. Todo ano tinha que vim pra pagar. Então era aí o escritório. Isso aí tinha carro velho, quebrado e tudo com as casas aí, caiu tudo. Foi um horror pra fazer isso aqui, pra tá hoje uma coisa dessas.

F: e o senhor queria dar uma palavrinha pra algum governante, pra fazer alguma coisa sobre essa barragem? O senhor quer falar alguma coisa?

Bio: não, eu não vou falar nada, porque eles aqui (...) isso aqui tem que ser uma coisa assim sobre o prefeito, vamos dizer assim, comunicar o prefeito que o povo que vota nele aqui tudo, no Açude que nem elege ele aí, é só candidatar que elege. Que nem tava o Amélinho aí agora

mesmo, ta bom de reunir. Mas os primeiro a não querer é os do Açude, o que é que faz com um troço desse? O cara quer abrir a boca aqui e dizer que agora ta melhor que quando era cheio? É matado um trem desse. É sério. Como é que você tá numa bondade e quer ir pra ruindade? Porque aqui ó (...) a lagoa de Dom Basílio aí tá tirando trezentos e tantos mil por mês, de que? De verdura! Aqui dá tudo que você plantar! Eu falo porque eu era rendeiro aqui. Eu tinha era dez lotes aí. Mandioca não acabava, tudo. Eu fazia a feira de Rio do Pires, tinha carro, Ibipitanga, todo lugar, Boquira, Livramento. Agora um cara hoje, viver de que se ele não tiver uma aposentadoriazinha, uma coisa pra sobreviver? Eu não sei como é que isso tá bom não. É onde eu digo, é comparar a vida com a morte isso aqui. Isso aqui seco e eles dizer que é melhor. Pra que? Gado aqui eu não tô vendo, não tem ninguém. Quando cria uma cabeça já ta caindo. Então é louco. Agora se o povo interessasse, por que quantos voto que tem aí dentro do Açude? Caçava o prefeito e dizia assim: olha, nós só vamos votar, aqui tem tantos votos, tem tantos mil votos aqui dentro do Açude, tem dois representantes, nós só vamos votar aqui pra quem caçar uma pessoa aqui, que tem como botar água aqui, o Zabumbão lá o tanto de água que estrói, não tem esse negócio de não quer botar, pois se ela tá saindo e indo embora. Pra colocar aqui, “há, mas não vai”, não vai o que? Quando fez a barragem aqui era pra fazer, não fez como era pra fazer. Era pra fazer lá no Santo Norte (?), é igual Livramento lá, Livramento não, Paramirim. Uma barragem do lado e do outro que nem é Paramirim. Ficou no papel pra fazer lá, uma barragem lá pra encher, quando aqui tiver falta, foi bem bolado, tá no papel. Quando aqui tiver falta, pra soltar de lá do Santo Norte, de lá pra aqui. Não, eles fez aí é dentro dessas hortas aí que tampou o riacho tudo. Pode chover aí, a chuva bater aí, entra água pra onde? Como é que enche?

F: então ta seca por que não choveu e os governantes...

Bio: e mesmo se chover a água não vem. Dava uma chuva aqui no Peixe a água tava aqui, agora tá tudo aterrado que nem aqui, como é que a água vem e espalha e não abarca tudo. Ta entendendo? Isso aí é uma pessoa que tiver interesse, que nem o DNOCS tava aí, eu trabalhei com o DNOCS toda vida mais Doutor Gouvêa. Ele dizia assim “olha seu Joaquim, você vai até o fim da coisa ali e onde tiver impedimento você me fala que vou mandar derrubar”. É doutor Gouvêa, mas aí o cara faz o que quiser, pode fazer até um açude lá dentro. Ta entendendo? Então tem que ser uma inspetoria federal ou qualquer outra, ou DNOCS mesmo, ou qualquer outra, tá entendendo? Pra fazer uma coisa e deixar desimpedido mesmo, se quiser ver água aqui dentro. Por que no contrário não vem não. Porque uma lagoa dessa pra

encher só de chuva de rio, pra Deus tudo é possível, não tem nada impossível, mas demora muitos anos né.

Tem jeito de encher ela, tem jeito. Não tem negócio... Pior era se fosse pra trazer pra São Paulo de lá de Mato Grosso, que nem secou aquela coisa lá, trazia, quem dirá aqui! Que é ali no Santo Norte.



Igreja de São José¹⁵ (2018)

F: só uma última coisa, sobre a festa do peixe. O senhor conheceu a festa do peixe né?

Bio: demais.

F: como que era a festa do peixe aqui?

Bio: era boa! Era em dezembro eu acho, muita gente, tinha os peixes lá, tinha aquelas guaritas, acho que caiu tudo né? Umas guaritas aí, acho que caiu.

F: e chamava festa do peixe?

Bio: festa do peixe, no tempo que fazia. Teve uns tempos organizados, moço, com o DNOCS. O DNOCS foi quem mais fez aqui, quem mais trabalhou aqui. Mas depois que eles abandonou que passou pra essa outra companhia, acabou! Porque essa outra companhia diz que trata muito bem é lá na Lapa lá. Mas eles aqui mesmo nunca fez nada não, é só no nome.

F: aí não tem como ter festa do peixe até porque não tem mais peixe né? Tá seco.

¹⁵ Conta-se que, todo ano, no dia de São José sempre chove

Bio: não tem, lá botava os peixes grandes que a gente pegava botava tudo lá, pra poder mostrar ao povo. Mas foi bom aqui. O DNOCS foi muito bom aqui, eu pelo menos acho. Eu mesmo tenho uns dez contratos lá em casa do DNOCS. É. Mas aqui você vê, quem é que via um mato desse como aqui quando tava organizado? Quem é que disse? Tava tudo limpinho aí ó, laranja, pera, lima, tudo quanto é coisa, coqueiro aí, quando era nas águas plantava isso tudo aí e dava um milho ali embaixo que você precisa ver. Então, acabou! Uma coisa dessa né? Uns tá caçando um jeito de fazer que nem Ibipitanga e esses outros e aqui acabando.

5. Conclusão

Encerramos o último capítulo com trechos das narrativas, na íntegra, dos interlocutores da pesquisa na intenção de reproduzir literalmente sua fala, pois acreditamos que estas “tramas narrativas” estejam destrinchadas ao longo do percurso de escrita e elaboração da pesquisa. As narrativas reproduzidas dão luz sobre tudo aquilo que vinha sendo abordado de maneira que o processo de escrita desta pesquisa se tornou uma verdadeira experiência antropológica, na medida em que se trata do choque de dois mundos, ou seja, de duas formas diferentes de produzir conhecimento.

Esse choque se deu ao longo de todo o processo, não só na escrita em si, mas também foi importante para pensar a relação do pesquisador em campo e na forma como a memória e percepção eram articuladas não apenas no conteúdo da pesquisa, mas também na forma como ela se desenvolveu a partir de diferentes perspectivas e suportes: ao passo em que os interlocutores construíam uma trama narrativa a partir do movimento que fizeram em vida e que constitui sua memória, o pesquisador, por outro lado, com seu aparato técnico de captação de imagens e sons e da tentativa de compreender antropológicamente o que lhe era narrado, constrói para si também uma memória e uma maneira de falar sobre o que é narrado e que é científica.

A construção dessa memória se deu de modo particular, de forma que não se tratava apenas de uma memória psicofísica, mas também de uma memória audiovisual: todos os vídeos e áudios produzidos em campo auxiliaram na construção de um rico banco de dados da memória acerca dos saberes narrados em relação ao ABC do Açude e ao Açude em si. Ao longo de toda a escrita da monografia essa memória audiovisual era acessada, ficando lado a

lado com o caderno de campo. É importante ressaltar também a diferença entre escrita e reprodução audiovisual, porque nesta última de certa forma o caráter performativo da narração não se perde, já que estão presentes a imagem da pessoa que narra e sua voz, o conteúdo daquilo que é narrado para alguém.

Nesse sentido, a escolha pelos recursos audiovisuais foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa não só como maneira de registro, mas também de relação com as pessoas. Ao serem interpeladas pelo pesquisador com a câmera, as pessoas “inventavam” sua cultura (Wagner, 2012), à maneira de um “devir imagético” (Head & Gonçalves orgs., 2009) particular na forma como criavam uma autorepresentação de si e da história que narravam de frente para a câmera, para o pesquisador e as pessoas em volta. Não se trata, portanto, de afirmar a primazia da forma escrita ou oral (ou ainda, da forma audiovisual) na produção do conhecimento, mas de evidenciar as suas potencialidades particulares na produção de uma experiência antropológica, como foi o caso.

A experiência antropológica se deu no contato entre três tipos de formas de conhecimento distintas e que mobilizam diferentes formas de experiência e conhecimento, sendo eles: a escrita (da presente monografia), o filme e as narrativas. Barbosa comenta que devemos “considerar as diferenças entre a forma de conhecimento que podemos produzir por meio da realização de um filme e a que podemos obter com a produção de um texto”, pois requerem “diferentes sensibilidades e diferentes aproximações” (p.76, 2009). A autora argumenta que essas formas de conhecimento se diferenciam e criam formas particulares de produção de conhecimento, primeiro pela potencialidade de argumentação conceitual do texto e, depois, da capacidade de aproximação sinestésica e afetiva do filme.

Ao lado dessas formas de produção de relações e de conhecimento, acrescento aqui a experiência da narração, com sua potencialidade de trazer à vida, por meio da memória, uma experiência passada e que, neste sentido, está mais próxima do filme, não só porque como argumentamos anteriormente, a linguagem audiovisual tem a capacidade de trazer uma experiência narrativa, mas também pelo fato de se aproximar mais de uma produção de conhecimento ligada à experiência na vida, pois ela “expande a visão, pois não é apenas um ato de ver, mas uma experiência sensorial, sinestésica e igualmente emocional” (Barbosa, p.73, 2009). Ao propor uma integração entre razão e sensibilidade na produção antropológica com base, respectivamente em textos e imagens, a autora discute suas potencialidades como complementares, não pelo caráter explicativo do texto acerca das imagens, mas devido ao

caráter polissêmico destas últimas permitirem “entradas e construções diferentes dentro da temática trabalhada” (p.72, 2009) o que inclui também aquilo que é indizível apenas por palavras. Tratam-se de possibilidades de construção de conhecimento.

Gagnebin demonstra que a relação que estabelecemos entre passado e presente é profundamente histórica e, citando Benjamin, diz que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (apud. Gagnebin, 2009, p.40). Com isso, Benjamin faz uma crítica de ordem epistemológica e política, primeiro por considerar que tal correspondência entre um discurso científico e as coisas como “propriamente foram” cria *fatós* apenas por um discurso que os constituem enquanto tal e, em segundo lugar, essa concepção da história cria uma visão unívoca da “verdade histórica”.

Podemos dizer que a ciência moderna aliada ao capitalismo é uma grande máquina de destruir mundos, como coloca Isabelle Stengers (2018), no sentido em que há outras narrativas, outros “mundos possíveis” que não o dessa verdade unívoca da ciência, que exclui os demais, já que ela é o pensamento que vem coroar a modernidade pela dupla assimetria que nos diz Latour e que comentamos na introdução. Considerar “mundos possíveis” é levar a sério uma “proposição cosmopolítica” dentro das narrativas que as pessoas contam de si: as pessoas que narram suas histórias não descrevem o passado como descrevem um objeto, mas por sua memória subjetiva e inventividade prática, articulam este passado a maneira como se relaciona com ele no presente.

O papel da antropologia é “levar a sério” narrativas como esta, que são mundos possíveis, histórias possíveis a partir de narrativas, como no filme *Narradores de Javé* (2004), levar a sério a invenção como criação de uma autorepresentação criativa de si, do lugar em que se vive e de sua história contada. Como diz Ingold,

alguém que conheça bem é capaz de contar. Pode contar, não só no sentido de ser capaz de recontar as histórias do mundo, mas também no sentido de ter uma consciência perceptual afinada de seus arredores. Portanto, conhecer é relacionar o mundo ao seu redor, e quanto melhor se o conhece, maior a clareza e a profundidade de sua percepção. Contar, em suma, não é representar o mundo, mas traçar um caminho através dele que outros possam seguir. (p.238, 2015).

Essas pessoas com quem conversei e de quem apresento as falas transcritas aqui são os agentes ativos destas histórias que contam, não de um pano de fundo bem definido da memória, mas a partir de sua percepção atual do ambiente e da maneira como relacionam ela com essa memória, é como diz o autor, traçar um caminho pelo qual podemos segui-los.

Podemos pensar essa memória seguindo a metáfora de Benjamin que diz que ela constitui-se enquanto um “rastro”, ressaltando nela a problemática da tensão que configura uma “presença do ausente, e ausência de presença” (GAGNEBIN, p.44, 2009). Neste sentido, ao chegar na lagoa seca ou mesmo no centro urbano do povoado do Açude, podemos pensar em vários elementos constitutivos deste lugar que configuram essa tensão entre presença e ausência, a começar pela própria narrativa do ABC do Açude, que trás o desenrolar de uma história dos trabalhadores na ocasião da construção da barragem.

Através das narrativas em torno dela, podemos saber, por exemplo, que a barragem foi construída por carros de boi, gamelas e outras tecnologias manuais. Instrumentos, diríamos, majoritariamente arcaicos. Como comenta Estevão, de máquina apenas um trator vindo de Belo Horizonte. Nesse sentido, Bio ainda comenta que se fosse hoje talvez a barragem não levasse nem um ano inteiro para ser concluída. Percebemos ao longo das entrevistas como as narrativas vão se misturando entre o ABC do Açude, a história de vida das próprias pessoas que narram e como elas se relacionam entre si.

A narrativa da vida de França, por exemplo, se liga ao ABC do Açude por relações de parentesco: primeiro por seu pai que fornecia carne para os barraquistas que depois iam vender a preços abusivos aos trabalhadores, e depois por Mané Trinchete, seu parente, que era um desses barraquistas. Vemos como essa narrativa também se liga a outras, como de Estevão e Bio, ao falar dos pescadores da época da lagoa que não existem mais. Estevão era criança quando ainda pescava trabalhando de “ameia” para os chefes da Inspetoria. Bio, que nasceu um ano depois da barragem ser concluída, pescava na lagoa para ir vender nas feiras dos municípios vizinhos.

Um tema que aparece em quase todas as narrativas sobre a época da construção da barragem é a grande fome pela qual passaram os trabalhadores que, em sua maioria, provavelmente eram retirantes que vieram de vários lugares do nordeste, e que só depois de construírem a barragem é que poderiam tirar algum proveito dela. Muita gente, no entanto, como fica claro nas narrativas de Estevão, Bio e França, tiraram proveito das condições de trabalho dos operários que, além de serem explorados pelo pagamento de vales, ainda eram

reprimidos se recitassem o ABC do Açude. É curioso notar que Bio comenta que o ABC foi escrito e jogado em uma cancela para que fosse difundido entre os trabalhadores sem que descobrissem quem o criou. Ainda que, segundo ele, fosse difundido para alguns de maneira escrita, a circulação do ABC acontecia provavelmente de forma oral para muitos daqueles que não sabiam ler e também oralmente para suas famílias e para outras pessoas próximas, como comenta Beata acerca de seu pai e marido e Bio, que se lembra dos mais velhos, que foram de quem coletou os trechos da poesia e hoje a difunde de forma oral. A forma escrita aqui aparece como aliada da oralidade na produção de um conhecimento que provém da experiência. Podemos citar também outra forma de apresentação da poesia como cantiga, como consta na narração de Beata.

Outro ponto interessante de se ressaltar na forma como as narrativas peregrinam e formam uma malha de relações (para retomar o pensamento de Ingold), é a maneira como certos trechos narrados do ABC aparecem de forma diferente, particularmente entre Beata, Bio e Estevão: a primeira recita os trechos referentes a letra C e a letra I cantarolando; Estevão por sua vez, acrescenta a presença do “Doutor Celso”, que conheceu a partir da relação que este tinha com seu avô, João Batista; Bio, por sua vez, que sabe a poesia completa tem outra maneira de recitar, não mais ou menos precisa, mas que se liga com sua trajetória a partir da maneira como coletou essa memória. Podemos dizer assim, que se sua bricolagem de traços mnemônicos tivesse passado por Estevão e Beata talvez o ABC que ele conhece hoje e que foi reproduzido aqui de maneira escrita fosse diferente, não devendo em nada, no entanto, no sentido da experiência que transmite e que se liga com a vida das pessoas. Pensando por aí, a bricolagem de Bio junta muitas narrativas, histórias de vida e é um verdadeiro trabalho de memória coletiva em forma de poesia.

Retomando ainda a metáfora dos rastros da memória, além da memória psicofísica presente corporalmente na narrativa das pessoas e da memória audiovisual construída em relação a estas narrativas, podemos falar ainda de uma “memória da lagoa”, seguindo os rastros deixados por esta e que estão presentes de forma física e simbólica: não apenas no ABC do Açude, mas também nas diversas construções abandonadas ao longo do perímetro do açude, como aquela que abrigava o Posto de Fiscalização da Pesca e a galeria que abria a comporta para dar vazão a água e de onde os jovens pulavam para nadar. A isso soma-se também as representações expressa nos nomes dos lugares, especialmente “Açude” e “Rua do

Escritório”. O que são estes rastros, se não memórias da lagoa, uma memória que está para além do humano e que é expressa até mesmo pelo ambiente seco?



Rastro da Inspetoria Federal (2018)

A memória aqui é um dispositivo privilegiado que compõem as histórias acerca do açude para além de uma verdade unívoca, mas que produz uma multiplicidade e que está sempre em construção. Ingold diz que o "mundo narrativo" ou ainda, o mundo da experiência, não é objeto passivo de memória, mas é um processo ativo de rememoração e, neste sentido, ele não é "transmitido" da maneira que se transmite uma informação de uma geração a outra, mas "subsiste na corrente da vida e da consciência" (p.237, 2015). O que é desenvolvido, neste sentido, não são os produtos de tal memória, mas o processo de sua constituição que é vivo nas narrativas e a todo momento está sempre se fazendo e se refazendo, está no fluxo da vida, em seu devir. Esse conhecimento da narração, para o autor, é constituído por meio da prática, da percepção e da ação no mundo e, neste sentido é reproduzido e não replicado, se ligando ao que o antropólogo chama de um emaranhado de linhas de devir, que são as diferentes experiências e percepções no e do mundo se entrelaçando no fluxo da vida:

[O mundo narrativo] trata-se de um mundo de movimento e de devir, no qual qualquer coisa - capturada em lugar e momento determinados - envolve dentro de sua constituição a história das relações que a trouxeram

até aí. Em um mundo assim, podemos compreender a natureza das coisas apenas assistindo as suas relações, ou em outras palavras, contando suas histórias (...). Contar uma história é relacionar, em uma narrativa, as ocorrências do passado, trazendo-as à vida no presente vivido dos ouvintes como se estivessem acontecendo aqui e agora (p.236, *ibid.*).

Podemos cogitar assim, como que tal narrativa do ABC do Açude não chegou ou pouco chegou aos mais jovens de Macaúbas: pois não se trata de uma propriedade hereditária, mas de um processo de conhecimento que faz sentido para aqueles que tem sua trajetória de vida ligada a este açude e sua história. O que não quer dizer que uns conheçam mais que os outros, mas se trata de uma questão de sensibilidade, como coloca Ingold, em relação aos estímulos do ambiente. Neste sentido, o conhecimento é algo que só pode ser constituído a partir de uma narrativa na medida em que ela se liga a própria narrativa de vida da pessoa que escuta. Não se trata de um conhecimento "inato" ou "acabado" que é transmitido, mas de um conhecimento enquanto acontecimento, enquanto devir ou ainda, peregrinação.

O narrador, trazendo uma imagem de Ingold, seria um peregrino. Para ele, é nessa peregrinação que o conhecimento é realizado. Aqui proponho uma aproximação com o pensamento de Benjamin, que diz que o narrador é aquele que coleta histórias acerca de sua experiência no mundo. No caso do ABC do Açude, essa imagem do peregrino aparece na forma do retirante, Mérquides, que vem trabalhar na construção da barragem e narra sua trajetória nesta construção. As coisas, diz o autor, são suas histórias. Devemos, portanto, levá-las a sério a maneira que elas ocorrem e são narradas.

Esse conhecimento tecido na substância da vida, por oposição, como demonstramos até aqui, é deixado de lado pelo que chamamos de “modernidade”, que privilegia o conhecimento científico que classifica e ordena o mundo a partir de suas categorias. Com a ascensão da informação como forma de conhecimento, Benjamin diz que ocorre uma decadência da narração como forma de conhecimento. É a distinção que a modernidade faz por oposição ao que é tido como “arcaico”: tudo aquilo que saia da lógica do capitalismo e da tecnociência.

No entanto, o que ocorre se observarmos mais de perto o caso da Macaúbas e do contexto de “modernização” trazido com o açude, vemos algo mais que uma simples oposição dicotômica entre modernos e arcaicos (que já diz muito por si só): a presença tanto

daquilo que é tido como “moderno”, expresso na engenharia e na tecnociência que vem implantar a construção do ABC do Açude e, hoje, naquela que vem contribuir com práticas que podemos chamar de “convivência com o semiárido”; e daquilo que é tido como “arcaico”, expresso na poesia do ABC do Açude, mas também numa imagem que se tem do que é o sertão, particularmente como é visto pelo sudeste urbano e outros lugares do país tidos como desenvolvidos.

Para começar a problematizar essa dicotomia modernos e arcaicos, temos que nos perguntar de que tipo de modernidade e que tipo de arcaico estamos falando, pois, quando se trata de falar de Brasil, o ideal de modernidade ocidental não se concretiza em sua própria constituição como um país que passou por uma colonização. O Brasil se modernizou, mas parece que o ideal de modernidade imposto pela Europa nunca chegou a se concretizar (se é que ele chega a se realizar em algum lugar por se tratar de um ideal). Podemos pensar também como a modernidade, para se impor, sempre precisa de um “outro” que é o arcaico: podemos pensar a escravidão, a colonização, o genocídio dos povos não ocidentais e, para não ir muito longe, as condições de trabalho imposta aos trabalhadores da obra do Açude, amplamente retratada pelas narrativas de meus interlocutores.

O moderno depende do arcaico para se estabelecer: o moderno, ao criar este “outro”, começa a excluir outros mundos possíveis e impor sua visão. O arcaico é aquilo que deve se deixar de ser para se tornar um moderno, o que é uma contradição, já que essa passagem nunca se consolida efetivamente. A modernidade cria e depende desse outro arcaico dizendo que deve-se modernizar, mas essa modernização nunca ocorre de fato pela exploração e colonização a que sofreu o arcaico: é o que ocorre com o sertão enquanto lugar simbólico que aparece no imaginário como uma certa concepção daquilo que é tido como oposto a noção de civilização, marcado sempre pela ausência: seja de Estado, seja de “civilidade”, ou mesmo de água.

A ideia de moderno, marcada pela dupla assimetria que coloca Latour, exclui tudo aquilo o que não é. No entanto onde está essa linha que divide o que é arcaico do que é moderno? Se são dois mundos tão próximos a ponto de um depender do outro, como traçar sua distinção? É uma distinção arbitrária. O "arcaico" persiste no tempo. Existe ainda hoje e, da perspectiva de uma modernidade capitalista “ideal”, nunca vai deixar de sê-lo. Podemos superar essa dicotomia, ou podemos tomar a categoria "tradicional" ou "arcaico" como constitutivo de um devir diferente daquele devir moderno, mas que não deve nada a este, e

que é tão legítimo quanto. Trata-se de uma luta cosmopolítica, de levar a sério esses mundos diferentes que coexistem.

Falando em mundos possíveis, não só o capitalismo tem a potência de desestruturar mundos (de maneira epistemológica e biofísica), mas também o ambiente e, em particular a seca, com seus graus de incerteza pode criar e recriar as condições de vida no espaço. Podemos dizer que a barragem construída em Macaúbas trouxe um novo mundo, com possibilidades outras para a vida, para a relação das pessoas de Saco Grande e que depois passou a se chamar Açude. Até o nome mudou, como mudou a relação das pessoas com a terra e com as relações de produção e distribuição de alimentos. Em “Há mundo por vir?” (2017), Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski demonstram diferentes formas de conceber os fins de mundo por diferentes culturas. A essa miríade de perspectivas, talvez poderíamos acrescentar a de que o açude seco seja como o mundo acabar para as pessoas da zona rural de Macaúbas.

A seca atual, no entanto, como expressa na fala de muitas pessoas com quem conversamos durante o campo, trouxe um novo mundo, com outras formas de se relacionar com o meio: para alguns, como comenta Bio, está melhor. Quando se diz que a vida está melhor agora, não se fala exatamente sobre o açude, ou mesmo sobre a lavoura, mas sim sobre a vida num modo geral, até pela mudança do eixo econômico de Macaúbas para o centro urbano. Nesse sentido, muitas pessoas do Açude, depois dele seco vão trabalhar na cidade, mas isso seria um tema de uma investigação mais aprofundada e que não se esgota aqui.

O Açude não é apenas a lagoa, é o “centro do Açude” (região urbanizada próxima a barragem), são os lotes de terras, as pessoas de Açude e seus rastros físicos e simbólicos. Podemos pensar o Açude como lugar de acontecimento, de vida, e não como um espaço fixo e estático, em outras palavras, “arcaico” no sentido estrito do termo. O ABC narra um acontecimento neste lugar, num determinado momento histórico, narra um processo. As narrativas acerca dele se ligam à vida daqueles que nos contam, é um acontecimento que trás o passado para o presente. Trás a tona narrativas do período da construção da barragem, mas também de um passado em que o Açude estava cheio, e que se articula com as preocupações do presente, deixando turva a linha que separa o moderno do arcaico. Neste sentido, poderíamos seguir dois caminhos na maneira de tratar esses tipos de conhecimento: aceitar a palavra “arcaico” ou “tradicional”, subvertendo-a para um tipo de uso em que sua conotação

não seja mais de inferioridade e passividade diante do tempo, mas reivindicá-la para pensar as próprias questões daquilo que não é moderno, colocando-a ao lado de outros termos como “decolonial” ou “não ocidental” e levar a sério os próprios termos usados pelos agentes de conhecimentos como este do ABC do Açude; ou levar a cabo o conceito de modernidades múltiplas que,

pressupõe que a melhor forma de compreender o mundo contemporâneo - e também para explicar a própria história da modernidade - é vê-lo como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais. Estas incessantes reconstruções dos múltiplos padrões institucionais e ideológicos são levadas a cabo por actores sociais específicos em estreita relação com activistas sociais, políticos e intelectuais, e também por movimentos sociais que perseguem diferentes programas de modernidade, defendendo visões muito diferentes acerca do que torna uma sociedade moderna (EISENSTADT, p.140, 2001).

Isso significa dizer que não há apenas uma forma de modernidade ditada pelo ocidente, separando “modernidade” de “ocidentalização”, e considerando os diferentes contextos e formas em que ela ocorre.

Esse mundo que acabou com a seca do açude (e para muitos não humanos acabou efetivamente, como para a água, as plantas do entorno e para os peixes), deixou rastros mas também deu abertura para pensar outras formas de se relacionar com o ambiente, agenciando natureza e cultura no contexto do semiárido: não mais por políticas de combate à seca, mas o que poderíamos chamar de convivência com o semiárido num amplo sentido. Estevão, por exemplo, recebeu uma cisterna em sua casa vinda de políticas como esta para o abastecimento de água de sua casa. França, por outro lado, tem um poço artesiano em sua roça: é interessante que, em sua narrativa, diz que foram seus filhos que se mudaram para São Paulo que juntaram dinheiro para abrir o poço para ele, o qual provém água para a plantação e também para o uso doméstico. Muitos de seus vizinhos também encontraram na possibilidade de abrir poços artesanais como uma forma de continuar plantando, ainda que menos que na época do açude, como França comenta ainda no diálogo transcrito acima.



Água do poço (2018)

A essas outras formas de convivência com o ambiente, soma-se as narrativas de poder ver a lagoa cheia novamente: é uma narrativa que gira em torno primeiro das condições metafísicas (e não meteorológicas no sentido científico do termo) que possibilitaria a chuva. A seca é vista como uma espécie de castigo divino, e a chuva viria de acordo com a vontade de Deus. Por outro lado, as pessoas estão atentas também para a ação do poder público que deixou a região da lagoa abandonada, o que impossibilitaria a lagoa vir a ficar cheia novamente. Para isso, as pessoas dizem que é preciso vontade política não só institucional, mas também das pessoas pressionarem os governantes.

A história (ou contra-história), que Bio nos narra, transmite aquilo que é na verdade inenarrável, que ajuda a enterrar os mortos e os explorados pela obra do açude. O ABC do Açude é *invenção*, elemento simbólico de uma memória que articula o passado enquanto ética da ação presente. Se na época da construção da barragem o ABC surgiu como elemento de oposição e denúncia à exploração sofrida pelos trabalhadores, hoje articula estes mesmos ideais numa narração tem uma tarefa política muito clara: lutar contra o esquecimento dos mortos e explorados, o que significa também lutar contra a repetição de histórias parecidas no presente, ainda que, infelizmente, esse cenário seja atual no Brasil, vide a portaria que altera as regras de fiscalização do trabalho escravo. Assim, sem pretender estabelecer um estatuto da verdade da narração, mas a tomando como um saber histórico legítimo, ainda que sendo

algo oposto a História positivista, Jeane Marie Gagnebin diz que “a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro” (2006, p. 47).

Pensando na dimensão da experiência, o ABC do Açude, como constituinte de uma narrativa histórica, tece suas linhas de agencia também na história de vida e na memória de muitas pessoas da região. Por mais que não saibam recitar o ABC todo, articulam a memória da construção da barragem passada pela poesia e pelos versos que lembram a partir de sua experiência. De acordo com Bergson (2006), presente e passado se atualizam simultaneamente, pois o tempo, segundo sua concepção, é marcado pela *duração* e não por uma passagem progressiva. Para o filósofo, as lembranças são virtuais e coexistem com o presente e, portanto estas não são posteriores à percepção, mas se constituem conjuntamente. Quando li o ABC do Açude para essas pessoas, por exemplo, por vezes fui interrompido por memórias acerca do que era relatado na poesia. Os agenciamentos provenientes da construção da barragem como o combate à seca organizam um microcosmos em torno do qual os diferentes actantes organizam sua vida, constituindo memórias e narrativas acerca dela.

Com isso, a pergunta que fica para uma possível reflexão e investigação posterior é como estes projetos de engenharia ambiental modificam as práticas e as (cosmo)políticas de relação com a terra, determinando de forma unilateral a sua paisagem, ou seja, domesticando o semiárido, de forma que suas condições materiais, sua constituição biofísica seja transformada profundamente por um projeto de infraestrutura. É possível perceber que, ao determinar materialmente a paisagem do semiárido, criou-se uma dependência do açude ali construído ao longo dos anos. Com o açude seco atualmente, o que fica desta paisagem e das práticas agrícolas alteradas por essa grande obra de engenharia ambiental? Para responder a isso, talvez deva-se levar em conta os múltiplos modos de vida levados a cabo pelos povos do semiárido (humanos e não humanos), em particular, investigando as múltiplas práticas baseadas no chamado princípio de convivência com o semiárido¹⁶, diferente da forma unilateral modernizadora dos projetos de construções de barragens baseados nos paradigmas de combate à seca, que desorganizaram em alguma medida esses modos de vida, ao tentar organizá-los de acordo com a lógica do capitalismo moderno.

¹⁶ Hoje existe uma rede de ONGs e associações rurais que formam a ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro que se pautam neste paradigma. Link do site: <http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia#como-surgimos>

6. Bibliografia

BARBOSA, Andréa. Significados e sentidos em textos e imagens. In.: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose G. Satiko (orgs.). Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos. Papirus, Campinas, SP, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Brasiliense, São Paulo, 1994, p.197-221.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins - 2. ed. - Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DELEUZE, Gilles. Bergsonismo. Editora 34, São Paulo, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5. Editora 34, São Paulo, 1997.

DESCOLA, Phillipe. Outras Naturezas, Outras Culturas. Editora 34, São Paulo, 2016.

EISENSTADT, S. N.. Modernidades múltiplas. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 35, p. 139-163, abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 ago. 2018.

FERNANDES, Dayane; FIGUEIREDO, Felipe. Saberes e sabores de um corpo-etnógrafo no mundo. PENSATA: Revista dos Alunos do PPGCS-Unifesp, Guarulhos, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. Editora 34, São Paulo, 2009.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott; orgs. Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. 7Letras, Rio de Janeiro, 2009.

INGOLD, Tim. Caminhando com dragões, In.: Cultura, Percepção e Ambiente. STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (orgs.), Editora Terceiro Nome, São Paulo, 2012

_____. Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.

INGOLD, Tim; JANOWSKI, Monica. Imagining Landscapes: Past, Present and Future. Routledge, Londres, 2012.

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Editora 34, São Paulo, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Papirus, Campinas – SP, 1989.

NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

POMPONET, André Silva. 100 anos de DNOCS: marchas e contramarchas da convivência com as secas. In: Conjuntura & Planejamento, n.162, Salvador.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (tomo I). Papirus, Campinas, SP, 1994.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.

STENGERS, Isabelle. No Tempo das Catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima. Cosac Naify, São Paulo, 2015. INGOLD, Tim. Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes, Petrópolis - RJ, 2015.

_____. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n69, p.442-464, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi69p442-464>>

TADDEI, Renzo. Meteorologistas e Profetas da Chuva: Práticas e políticas da atmosfera. Terceiro Nome, São Paulo, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*, Cosac Naify, São Paulo, 2015.

_____. O conceito de sociedade em antropologia. In.: *A Inconstância da Alma Selvagem*, Cosac Naify, São Paulo, 2002.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. Cosac Naify, São Paulo, 2012.